



FACULDADE CALAFIORI

ANDREIA PEREIRA COELHO DE SOUZA
DÉBORAH BULGARI BORGES

**REFLEXÃO SOBRE A LEITURA DOS CONTOS
DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:** uma
análise pedagógico-literária relativa às esferas
pública e privada

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

ANDREIA PEREIRA COELHO DE SOUZA
DÉBORAH BULGARI BORGES

**REFLEXÃO SOBRE A LEITURA DOS CONTOS
DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:** uma
análise pedagógico-literária relativa às esferas
pública e privada

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^aM^a. Marília de Souza Neves

Linha de pesquisa: Alfabetização, Literatura e Linguagem

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

**REFLEXÃO SOBRE A LEITURA DOS CONTOS
DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
análise pedagógico-literária relativa às esferas
pública e privada**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professora Orientadora: Prof.^a M^a. Marília de Souza Neves

Professor(a) Avaliador(a) da Banca: Prof. Me. Cláudio Manoel
Person

Professor(a) Avaliador(a) da Banca: Prof.^a Esp. Marinilda
Aparecida da Silva

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

APRESENTAÇÃO

Eu, Andréia Pereira Coelho de Souza, comecei minha trajetória estudantil aos quatro anos de idade, no maternal, numa escola que ficava perto da minha casa. Lembro-me que as professoras passavam na rua, e eu ficava chorando, porque queria ir junto com elas à escola. Isso continuou até que, certo dia, uma delas parou, chamou minha mãe e pediu a ela para me matricular na referida escola. Explicou que, se eu ficasse lá, mesmo aprendendo os mesmos conteúdos que as demais crianças, no próximo ano, devido à minha idade, teria de repetir a mesma “série”. Então, minha mãe resolveu matricular-me, e essa atitude foi muito importante para mim, pois amei a escola, os colegas... Eu me lembro, até hoje, das músicas que nós cantávamos, das apresentações que fazíamos, do ambiente acolhedor, da professora que, carinhosamente, acolheu-me, fato que marcou minha vida.

Depois disso, mudei de escola. Fui matriculada na Escola Municipal Campos do Amaral, a fim de fazer o pré-escolar.

Todavia, não pude prosseguir meus estudos nessa instituição, pois meus pais adquiriram casa própria, em outro bairro, sendo necessário transferir-me para a Escola Estadual Paula Frassinetti, local onde estudei do Ensino Fundamental I ao primeiro ano do Ensino Médio, encerrando no ano de 1999.

No ano de 2001, fiz um curso técnico de Turismo e Hospitalidade na Escola Estadual Clóvis Salgado; em 2002, cursei outro: “Técnico de Turismo Receptível” e, em seguida, decidi parar de estudar, afinal, optei por realizar sonhos diferentes. Casei-me e tive um lindo menino.

Entretanto, em 2013, surgiu a oportunidade de ingressar no Ensino Superior. Comecei a fazer Pedagogia na Faculdade Calafiori e constatei que a educação me despertava algo bom, que os conhecimentos que adquiria seriam úteis na minha vida e, assim, optei por prosseguir nessa área.

Em 2015, Deus me concedeu mais um presente: o nascimento do meu segundo filho. Tive de conciliar a maternidade com os estudos, porém não deixei de cumprir minhas obrigações e, sendo responsável, obtive êxito.

Agora, perto de concluir esta importante etapa de minha existência, terei de apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso, o chamado TCC. Para tanto,

escolhi pesquisar sobre a influência dos Contos de Fadas no desenvolvimento do indivíduo, estudando como esse gênero é trabalhado na Educação Infantil e qual a visão dos professores acerca desse tipo de literatura. Contudo, tenho uma parceira que muito me auxilia nesse desafio: Déborah, pessoa com a qual, desde o primeiro dia de aula, tenho afinidade. Juntas, estamos estudando, refletindo, buscando respostas para as nossas diversas inquietações. Esperamos que, ao final deste percurso, tenhamos as condições necessárias de propiciar às crianças o contato significativo com a leitura, com o mundo do faz de conta, para que elas deem asas à sua imaginação e criatividade, expressando-se com desenvoltura e construindo saberes que contribuirão para o seu desenvolvimento.

Eu, DéborahBulgari Borges, comecei a minha trajetória nos estudos com três anos de idade, no ano de 1998, em uma escola particular chamada Escola Criança e Cia. Nessa instituição, fiquei até os meus seis anos, quando, então, concluí o pré-escolar.

Posteriormente, mudei-me para a Escola Municipal Campos do Amaral, e lá iniciei o 1º ano do Ensino Fundamental. Porém, nessa fase, vivenciei alguns problemas, os quais começaram a afetar os meus estudos e, por isso, minha mãe achou melhor transferir-me para outra escola.

Nesse outro ambiente, chamado Escola Municipal Interventor Noraldino Lima, senti-me melhor. Apaixonei-me pela escola, pelos amigos e pelos professores, pois me sentia segura. Além disso, a equipe escolar incentivava os alunos a se superarem, instigava a leitura, realizava atividades chamativas, era muito organizada e nos possibilitava viver experiências inesquecíveis.

Já no Ensino Fundamental II, fui matriculada na Escola Estadual Paraisense. Nesse período, comecei a praticar esporte, jogar handebol. Com a ajuda de minha mãe, consegui conciliar os estudos e o esporte — este não me prejudicou —, até porque não queria ter de parar com uma atividade que me estava fazendo tão bem. Desse modo, em 2009, concluí esse segmento de ensino sem notas abaixo da média, sem nenhuma reprovação, obtendo êxito.

Em 2010, mudei-me novamente de escola. Iniciei meu percurso no Ensino Médio na Escola Estadual Benedito Ferreira Calafiori, onde fiquei por três anos, concluindo-o em 2012. Entretanto, durante esse tempo, consegui meu primeiro emprego: “Perfumaria Lacquad’Fiori”, e lá fiquei por seis meses, pois, logo em seguida, arrumei o meu segundo emprego em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamenta I — justamente a primeira escola onde havia estudado. Foi nesse emprego que me apaixonei pela profissão, porque, ao começar ajudando os professores, um desejo de ensinar nascia em mim e, pouco a pouco, o exemplo deles refletia na minha escolha. Considero-me, portanto, uma pessoa de sorte, pois pude ajudar todas as salas da Educação Infantil e me tornei a “professora” do Berçário II. No mesmo ano, tive a oportunidade de ser auxiliar na sala do 1º ano, aumentando minha vontade de ser educadora.

Depois do Ensino Médio, matriculei-me na Faculdade Calafiori, no curso de Pedagogia, e, assim, tive a chance de adquirir diversos conhecimentos sobre a prática educativa, as funções de cada profissional que trabalha na escola e/ou em

ambientes responsáveis pelo setor educacional. No momento, estou no último período do curso e faltam poucos meses para terminá-lo. Porém, para que a conclusão seja feita, estou realizando um Trabalho de Conclusão de Curso —TCC. Para isso, escolhi o tema “Contos de Fadas”, pois considero que esse gênero é fundamental para despertar a criatividade das crianças, explorar a linguagem delas e sua paixão pela leitura. Quanto aos professores de Educação Infantil, observo que muitos não utilizam adequadamente os contos de fadas por não terem formação apropriada, ou mesmo, porque não acreditam que o trabalho com tal literatura seja, realmente, necessária para a formação do indivíduo. Logo, tenho ciência de que necessito explorar mais esse assunto, a fim de ter condições de pôr em prática as pesquisas e estudos feitos, principalmente, quando estiver com meu diploma de “Pedagoga”.

EU, ANDREIA, dedico a toda a minha família, ao meu esposo e aos meus filhos, pela compreensão e apoio que me ofertaram durante estes quatro anos. Muitas vezes, fiquei ausente em função da vida acadêmica, mas, com certeza, eles sempre estiveram presentes em meu coração de uma forma grandiosa e plena.

EU, DÉBORAH, com todo o meu amor, dedico este singelo trabalho à minha mãe: a você que sempre esteve comigo, incentivando-me, auxiliando-me, conduzindo-me a caminhos mais brandos, para o meu crescimento. Simplesmente, muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, que tem nos abençoado durante a nossa vida, guiando-nos sempre, intuindo-nos nos momentos em que estamos indecisas sobre quais caminhos seguir, sobre como agir e, sobretudo, acerca da fé, a fim de não temermos o futuro.

À nossa orientadora, Professora Mestra Marília de Souza Neves, por todo o auxílio que nos ofertou e pela imensa dedicação prestada ao nosso trabalho.

Agradecemos, também, carinhosamente, a todos os mestres que contribuíram para a nossa formação.

“A literatura infantil tem credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, é que, através desses conteúdos, ela poderá despertar a atenção da criança para as características da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica”.

(REGO, 2005, p. 54)

RESUMO

O gênero da Literatura Infantil, os contos de fadas, inebriaram e continuam encantando crianças por meio de suas palavras maravilhosas, mágicas, divertidas, as quais as transportam a diferentes espaços, permitindo-lhes vivenciar diferentes sentimentos e sensações. Os contos de fadas, como Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, são histórias que se fixam na memória das crianças, o que lhes permite interiorizar o seu conteúdo, atrelando-o à sua própria vida. Isso porque possuem personagens com os quais se identificam, o enredo é chamativo, os ambientes descritos abusam das adjetivações e a narração provoca uma espécie de hipnose nas crianças, as quais, entretidas na leitura (ouvida ou lida) literária, deixam fluir as emoções, formando a ideia relativa à importância da leitura para o ser humano. Assim, os contos de fadas atravessam gerações, posto que as crianças de hoje (se mantiverem contato com esse relevante gênero) transmitirão às futuras gerações as histórias envolvendo príncipes, princesas, bruxas, ogros, reis, rainhas, animais com poderes, dando continuidade a essa tradição valiosa. Por esses motivos, justifica-se o tema, pelo fato de as autoras deste trabalho terem predileção por contos de fadas e, desse modo, desejarem conhecer algumas concepções acerca da leitura literária e suas implicações na Educação Infantil, além de estudar a evolução dos contos de fadas como gênero literário e/ou textual, para que, quando exercerem a função de pedagogas, possam trabalhar atividades de qualidade, voltadas a esse gênero, com seus alunos. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a utilização dos contos de fadas na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária proposta por algumas unidades de ensino. Para a pesquisa, no primeiro momento, utilizou-se o método de natureza bibliográfica, recorrendo-se a obras e/ou textos consistentes que tratam do assunto em questão. Seguidamente, fez-se uma pesquisa de campo, exploratória e de cunho qualitativo, sendo entrevistadas: uma coordenadora de escola particular e uma coordenadora de escola pública; duas professoras regentes de escola pública e uma de escola particular, da Educação Infantil (crianças de 4 anos de idade). Mediante as informações obtidas, foi possível verificar que o trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil é essencial, pois auxilia na linguagem oral das crianças, desperta-lhes o gosto pela leitura, permite que deem vazão aos seus sentimentos, emoções e sensações, além de favorecer o contato delas com o universo literário. Mesmo havendo diferença no modo como as esferas pública e privada promovem a leitura dos contos de fadas no segmento mencionado, sua relevância não pode ser minimizada. Pelo contrário, a pesquisa reforçou a tese de que os contos de fadas são textos para serem lidos sem limite temporal definido.

Palavras-chave: Leitura. Literatura Infantil. Contos de Fadas. Educação Infantil.

ABSTRACT

The genre of Children's Literature, the fairy tales, have intoxicated and continue to enchant children through their wonderful, magical, entertaining words, which carry them to different spaces, allowing them to experience different feelings and sensations. Fairy tales, such as Snowball and Little Red Riding Hood, are stories that are set in the memory of children, which allows them to internalize their content, linking it to their own lives. This is because they have characters they identify with, the storyline is flashy, the environments described abuse adjectives, and narration provokes a kind of hypnosis in children, which, kept in reading (heard or read) literary, let emotions flow, Forming the idea regarding the importance of reading for the human being. Thus, fairy tales go through generations, since today's children (if they keep in touch with this relevant genre) will transmit to future generations the stories involving princes, princesses, witches, ogres, kings, queens, animals with powers, giving continuity to This valuable tradition. For these reasons, the theme is justified because the authors of this work have a predilection for fairy tales and, thus, wish to know some conceptions about literary reading and its implications in Early Childhood Education, in addition to studying the evolution of short stories Of fairies as a literary and / or textual genre, so that, when they exercise the role of pedagogues, they can work on quality activities, directed to this genre, with their students. Therefore, the present work has as general objective to reflect on the use of fairy tales in Early Childhood Education, analyzing the pedagogical-literary practice proposed by some teaching units. For the research, in the first moment, the method of bibliographical nature was used, resorting to works and / or consistent texts that deal with the subject in question. Afterwards, a field research was carried out, exploratory and qualitative, being interviewed: a private school coordinator and a public school coordinator; Two female teachers of public school and one of private school, of Early Childhood Education (children of 4 years of age). Through the information obtained, it was possible to verify that working with fairy tales in Early Childhood Education is essential, as it helps children's oral language, awakens their taste for reading, allows them to give vent to their feelings, emotions and sensations, Besides favoring their contact with the literary universe. Even if there is a difference in the way the public and private spheres promote the reading of fairy tales in the segment mentioned, its relevance can not be minimized. On the contrary, the research reinforced the thesis that fairy tales are texts to be read without definite temporal limit.

Keywords: Reading. Children's literature. Fairy tale. Child education.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Estágios psicológicos da criança

Quadro 2 – Aspectos que o professor deve observar quanto à escolha de histórias

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1.LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
1.1Leitura: funções e implicações à vida da criança.....	18
1.2 Leitura literária: contribuições para o ser em desenvolvimento.....	21
2. CONTOS DE FADASE SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....	28
3. PESQUISA.....	48
3.1MÉTODO.....	48
3.1.1 Método de abordagem.....	48
3.1.2 Tipo de pesquisa.....	48
3.1.3 Instrumento de coleta de dados.....	49
3.1.4 Lócus da pesquisa.....	49
3.1.5 Universo da pesquisa.....	49
3.1.6 Amostragem.....	50
3.1.7 Procedimentos éticos.....	50
3.1.8 Planejamento de análise dos dados da pesquisa.....	50
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	51
4.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	51
4.1.1 As coordenadoras.....	51
4.1.2 As professores regentes.....	53
4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	53
4.2.1 Categoria 1 A VISÃO DAS COORDENADORAS.....	54
4.2.2 Categoria 2O TRABALHODAS PROFESSORASDEEDUCAÇÃO INFANTIL.....	59
CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES.....	71

APÊNDICE I.....	71
APÊNDICE II.....	73
APÊNDICE III.....	74
APÊNDICE IV.....	75

INTRODUÇÃO

A literatura infantil é uma arte capaz de propiciar ao leitor diferentes experiências: tanto pode fazer com que ele transcenda o espaço real e adentre o universo imaginário como, também, levá-lo a experimentar o medo, a solidão e a tristeza, mesclando fantasia e realidade. É nesse mundo de sonhos que o ato criador desabrocha, podendo o leitor ser provocado e criar ou recriar outras histórias, sentindo, então, a necessidade de fazer parte dessa construção de forma periódica, ou seja, no seu dia a dia.

A criança, por meio da literatura, desenvolve as capacidades psicossociais necessárias para sua vida adulta. A maneira como esse processo é trabalhado durante a Educação Infantil possui fundamental importância, visto que, conforme assevera Coelho (2009), durante esse período, a criança é conduzida a se identificar, a se ver como herói bom e belo, não por sua bondade ou beleza, mas por perceber nele a própria personificação de seus problemas infantis, como seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, sobretudo, sua necessidade de segurança e proteção. Desse modo, domina o medo que a impossibilita de encarar os perigos e ameaças que pressente à sua volta, podendo atingir, progressivamente, o equilíbrio adulto.

De acordo com Cagneti (2008), é na faixa etária dos quatro/cinco anos que a criança descobre que é capaz de inventar e registrar seu invento, escrevendo, desenhando ou construindo. Por isso, é necessário que se criem espaços onde ela possa exercitar o processo criador: imaginar, criar, construir e registrar.

Prosseguindo, a autora nos explica que, se de um lado a experiência ajuda a fantasia, isto é, a partir do que se conhece, experimenta-se algo do que é relatado ou lido; de outro, a fantasia enriquece a experiência, visto que, ao se defrontar com o registro literário de um acontecimento alegre ou triste, imediatamente se reage a ele, elaborando uma imagem correspondente, completando ou complementando o real na imaginação. Destarte, fantasia e realidade se interagem, produzindo novas experiências e emoções.

Nesse sentido, um dos gêneros da literatura infantil mais adequados para possibilitar essa rica experiência à criança, a fim de que ela se sinta

à vontade, descontraída, ouvindo histórias ou lendo pelo prazer de ler, imaginando e fantasiando, com melhores condições de criar e recriar suas histórias, escrevê-las, desenhá-las ou dramatizá-las, é o conto de fadas. Bettelheim (2012) assegura que, por meio do conto de fadas, a criança tem vivências marcantes na vida, fato que contribui para o seu desenvolvimento. À medida que diverte a criança, o conto de fadas lhe oferta esclarecimentos referentes à sua própria existência, auxiliando, pois, a formação de sua personalidade.

Complementando, Cagneti (2008) afirma que as histórias lidas ou contadas constituem sempre uma fonte de sentimentos e emoções que não acabam quando chegam ao fim. A história incorpora-se na mente da criança como um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções.

À vista disso, o conto de fadas torna-se ferramenta e/ou instrumento imprescindível na Educação Infantil. Construído por meio de uma linguagem metafórica, polissêmica e plurissignificativa, esse gênero se liga ao pensamento fértil da criança, impulsionando-a a refletir sobre sua vida, posto que, ao ouvir ou ler um conto de fadas, concomitantemente, protagoniza-se nesse processo, vê-se personagem principal desse instigante enredo que trata de múltiplos dilemas pelos quais o homem passa. E, assim, advém a contribuição da Psicanálise dos contos de fadas na Educação Infantil, por analisar os significados simbólicos dos contos maravilhosos, corroborando, desse modo, a função desse gênero nas instituições de ensino.

Pelo exposto, nossa pesquisa intitula-se *“Reflexão sobre a leitura dos contos de fadas na Educação Infantil: uma análise pedagógico-literária relativa às esferas pública e privada”* e tem como objetivo geral refletir sobre a utilização dos contos de fadas na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária proposta por algumas unidades de ensino referente ao segmento mencionado.

Especificamente, objetivamos conhecer algumas concepções acerca da leitura literária e suas implicações à Educação Infantil; estudar a evolução dos contos de fadas como gênero literário e/ou textual; e estabelecer relações entre o trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil e o desenvolvimento da linguagem oral da criança, sua criatividade e seu progresso cognitivo.

Para nortear nossa pesquisa, emergem as seguintes indagações: de que maneira o conto de fadas influencia no desenvolvimento (social-moral-linguístico-cognitivo) da criança? Como esse gênero repercute na formação do indivíduo?

Posto isso, organizamos nosso trabalho em quatro capítulos: dois teóricos e dois referentes à pesquisa de campo realizada.

No primeiro capítulo, fazemos a exposição de alguns conceitos sobre leitura e literatura infantil, ressaltando a função dessa prática na vida da criança.

Posteriormente, no segundo capítulo, tratamos dos contos de fadas, inserindo-os na Educação Infantil. Delineamos, também, um breve percurso histórico-social-cultural acerca da evolução desse gênero, dissertando sobre sua influência na formação do indivíduo.

Finalizando, no terceiro e quarto capítulos, apresentamos a pesquisa de campo feita, as informações obtidas, analisando dados e tecendo considerações concernentes ao tema do nosso projeto.

1 LEITURA E EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Leitura: funções e implicações na vida da criança

As crianças que ainda não despertaram para a compreensão da leitura, quando têm acesso a ilustrações de boa qualidade, pouco a pouco, entendem as histórias, começam a contá-las ou recontá-las aos amigos. “A leitura de imagens é, naturalmente, uma das primeiras manifestadas na criança, pois a imagem é uma representação semiconcreta, mais direta que o código verbal escrito, que se apresenta de forma abstrata” (SILVA, 2009, p. 20).

Somando-se ao exposto, Soares (2009, p. 24) explica que a criança ainda não alfabetizada realiza sua participação em ações voltadas ao letramento da seguinte maneira:

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-lo, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e funções[...]é ainda analfabeta, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já que, de certa forma, é letrada.

Dessa forma, a criança, mesmo ainda não sabendo ler de maneira convencional, irá decifrar, a seu modo, o sentido da história. Em tenra idade, não lê a palavra, entretanto lê o mundo que imagina, iniciando, pois, o processo de letramento.

Solé (2002) revela que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, sendo que aquele teria como objetivo a obtenção de informação. Todavia, para que isso ocorra, é necessário que o leitor seja capaz de processar o que foi lido, visto que existem diferentes finalidades ao se fazer uma leitura, desde um simples momento de lazer, até mesmo a busca por informações concretas.

A estudiosa afirma que é por meio da leitura que a criança leitora poderá adquirir conhecimento e informação. Ela também declara a leitura como não tendo, necessariamente, apenas uma interpretação fixa e acabada, tornando-se, assim, variável e, com isso, é possível que dois leitores distintos tenham diferentes interpretações da mesma leitura. De acordo com a pesquisadora, essa liberdade de interpretação não restringe o texto em si de ter seu próprio sentido, mas faz com que o mesmo se torne mais flexível (SOLÉ, 2002).

Complementando, Maia (2007) explica que, quando a criança é alfabetizada e lê a história, ou mesmo quando lhe contam histórias, dá vazão a sentimentos e sensações múltiplas, permitindo que experimentem emoções diversas. Nesse sentido, a história incorpora na mente dessa criança um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções.

Após a criança realizar sua própria leitura, passará a identificar os símbolos ali impressos, formando, assim, seus sons e sentidos. Por isso, pode-se considerar a leitura como um processo ativo de seu leitor por meio do qual busca a compreensão do que se é lido (MAIA, 2007).

Isso posto, Maia (2007) corrobora que a leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como tem sido verificada.

Nesse ínterim, observa-se que a leitura é uma prática que valoriza o conhecimento prévio da criança. Sendo assim, é utilizada para a produção de conhecimento e a criação de um indivíduo ativo e crítico na sociedade da qual faz parte, pois já se sabe de sua transformação. Complementando o que Maia (2007) explicita, Koch e Elias (2012, p. 11) destacam que:

[...] a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

As pesquisadoras elucidam que a leitura é um processo complexo, que necessita de dados existentes no contexto de cada texto, sendo que, logicamente, age realizando a interação entre o evento comunicativo ¹e quem o lê.

A leitura é tão múltipla que Foucambert (1998, p. 33) enfatiza que:

[...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

¹ Koch e Elias (2010) utilizam essa expressão para se referirem ao texto. O texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos-de-discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição (KOCH e ELIAS, 2010, p.7).

Como o autor supracitado explana, ler é poder inserir-se no mundo, tendo condições de elaborar perguntas e obter respostas, sentindo-se pertencente a um meio e, conseqüentemente, construindo-se como cidadão letrado. É um significativo processo, que possibilita que a criança interaja com o texto com o qual mantém contato. E, dessa maneira, conforme salienta Baldi (2009), permite que o ser em desenvolvimento, dia após dia, torne-se um excelente praticante. Entretanto, é primordial que se incentive o gosto por ler e a prática da leitura, em todas as classes sociais, desde a mais tenra idade, especialmente na escola pública, que engloba o maior percentual da população.

Maia (2007) argumenta que a leitura, seja pela força obrigatória da tradição, seja pelo seu reconhecimento como instrumento de integração e participação nos quadros culturais da sociedade em que vive, seja, ainda, pelo êxito e difusão dos ideais democráticos, ou por tudo isso em conjunto, tanto nas escolas de ontem como nas de hoje, tanto nas escolas tradicionais de “ler, escrever e contar”, quanto nas escolas progressivas, cuja finalidade essencial é a formação da criança, vem sendo sempre considerada como sério problema. E isso ocorre porque tal prática possui uma dimensão funcional que transcende o Ensino Fundamental, que ultrapassa o Ensino Médio, que vai além mesmo do Ensino Superior, estendendo-se pela vida afora, por ser técnica fundamental da cultura.²

Ampliando as considerações acerca da leitura, Rego (2005) esclarece que a notável expansão dos meios audiovisuais, rádio, televisão, cinema, ainda não restringiu a importância da leitura, posto que, apesar de todo o aperfeiçoamento alcançado, eles são apenas instrumentos subsidiários da cultura, servem para facilitar a compreensão pela base física que oferecem aos símbolos, mas não podem substituir a leitura. O ato de ler envolve uma elaboração pessoal, um processo mental profundo e duradouro. Tão reconhecida é, hoje, a leitura, que os indivíduos que não puderam aprendê-la, na infância, sofrem, quando adolescentes e adultos, sérias limitações no seu crescimento intelectual, econômico e político e, porque não se integram na vida social da comunidade, são vistos como indivíduos fora desse ambiente, como seres isolados.

²MAIA, C. (2007) Isso porque, é desde pequena, que a criança adquire o gosto pela leitura. Quando o processo da leitura não se inicia na infância, a falta de vontade de ler vai acompanhando a criança para o resto da vida.

Assim, é na infância, período repleto de informações e estímulos que a criança, desde pequena, desenvolve-se e, com isso, segundo Freire (1988) faz sua “leitura de mundo”³, leitura essa inicialmente realizada pelos seus cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar. A partir dessa capacidade de distinção, a criança poderá classificar o que mais a agrada, ou seja, antes mesmo de aprender a decodificar os símbolos, o ser humano é capaz de fazer sua própria leitura por meio de sua exploração sensorial em torno do seu ambiente (REGO, 2005).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que tratam da Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) esclarecem como a leitura exerce sua função numa sociedade. Por ser ela a responsável por promover a construção de conhecimentos, será a partir dela que o educando se tornará capaz de desenvolver suas habilidades e competências tanto nas disciplinas escolares quanto no seu dia a dia.

Os PCNs declaram que leitura é algo extremamente favorável à condução da escrita dentro e fora da escola, sendo que é por meio dela que se encontra o conteúdo para se escrever um texto. Ela possui um papel crítico e social significativo, pois fornece à criança a vantagem de fazer uma escolha, a apreciação típica da realidade (BRASIL, 1998).

1.2 Leitura literária: contribuições para o ser em desenvolvimento

Sendo um dos propósitos da literatura possibilitar que a criança se transforme em um adulto com capacidade para enfrentar a vida e cientes de que é na infância que esse ser aprende a fazer suas escolhas, o trabalho com uma literatura adequada, possivelmente, irá proporcionar-lhe uma base sólida nesse sentido. Primeiro, a criança é ouvinte, e é evidente o contentamento que revela ao escutar uma historinha da mãe ou da professora da Educação Infantil, procurando interagir-se. Quando aprende a ler, busca, por meio de sua vontade, aquela que mais a encanta, traz-lhe deslumbramento. A criança, quando bem pequenina, tem os pais e/ou responsáveis como responsáveis por esse futuro leitor, e a falta de desejo de contar uma história a ela pode lhe produzir consequências devastadoras na vida adulta (REGO, 2005).

³ Expressão usada, enfaticamente, por Paulo Freire (1988), na obra *A Importância do Ato de Ler*, na qual afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, segundo esse preceito, ela já saberia ler implicitamente, mas não as palavras grafadas num livro, por exemplo, mas, grosso modo, essa pessoa sabe ler a vida.

Conforme comenta Silva (2009, p. 21), “a literatura infantil tem papel fundamental na preparação da criança para a modernidade da informação”. Dessa maneira, quando a criança chega à escola, é preciso que a leitura de textos literários seja incorporada às práticas diárias da sala de aula, pelo fato de possuírem uma variável de propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações evidenciadas nesse tipo de texto. Como explica Baldi (2009, p. 8),

É preciso alimentar a imaginação dos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

A leitura literária na infância contribui para que as crianças compreendam o lugar do ser humano entre os outros seres da natureza, como também a relação entre os próprios humanos. É por meio da diversidade de textos que as crianças vivenciam a aplicação dos termos, como irmão, filha, mãe, pai, avô, primos, construindo a sua própria compreensão das relações de parentesco, questionando sobre outras comunidades e de outros lugares citados nos textos ou nas obras (BALDI, 2009).

A literatura não instrui somente uma criança de cada vez, mas toda uma geração que, ao compartilhar histórias comuns, acaba por adquirir certa visão do mundo, uma compreensão, uma cultura e mesmo uma ideologia. Como explica Micotti (2009, p. 103),

[...] a leitura instrui as crianças a serem mais críticas, a discernir, a se tornarem viajantes do mundo, e assim se tornarem a cada dia mais leitoras e, ao mesmo tempo, ela proporciona prazer, contentamento diante de histórias fantásticas, contos fantasiosos. Essa é a verdadeira função da leitura: instruir e oferecer prazer.

Diante dessas possibilidades, Coelho (2000) explana que a literatura tem uma função primordial a realizar nesta sociedade em desenvolvimento, ou seja, ser agente de formação, sendo espontaneamente por meio do leitor/livro, seja na interação leitor/texto motivado pela escola.

Pode-se asseverar que a criança, pelo contato com a literatura, desenvolve capacidades psicossociais para sua vida adulta. Contudo, o modo como tal prática é trabalhada faz diferença, visto que, por meio dela, iniciam-se o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura (COELHO, 2000).

Nesse mesmo olhar, Micotti (2009) afiança que uma das funções da literatura na infância é auxiliar na formação contínua do cidadão, capacitando-o e instruindo-o para a vida em sociedade. Pode-se reforçar, pois, a ideia de que a literatura, nessa fase, contribui ativamente na formação do indivíduo à medida que permite o trabalho com temas que são essenciais à formação da soberania e da cidadania.

Ademais, a leitura, de acordo com Maia (2007), possui elementos básicos que poderão conduzir a criança, de forma adequada, ao contexto da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, é que, por meio desses conteúdos, poderá despertar a atenção da criança para as características da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica.

Para que tudo isso ocorra, há necessidade de que as instituições de Educação Infantil possam reestruturar a proposta de ensino diante da leitura literária, pois, além de reformular o sistema tradicional, de leituras impostas, haverá a descoberta do que realmente o aluno precisa. Essa descoberta é primordial, visto que cada leitor é único em suas experiências e vivências. É nesse ponto que deve haver a junção família e escola, que fará com que a leitura literária seja inserida na infância de qualquer criança.

Mas, conforme evidencia Maia (2007), tanto família quanto escola fracassam diante desse dever. É necessário que a leitura também seja adequada às diversas etapas do desenvolvimento infantil, motivadora para que desperte a fantasia, a curiosidade e o prazer por ler. Simplesmente dispor livros com lindas capas e feitos de materiais diferentes e coloridos como obrigatórios sobre a mesa da sala de aula não é a melhor opção; pelo contrário, a falta de vontade e a obrigação não conduzem a ações positivas por parte das crianças, não geram prazer em descobrir o mundo da leitura, não as fazem “viajar” por mundos diferentes.

Entretanto, é preciso reafirmar o quanto é essencial que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento, isto é, com a participação em eventos de leitura e de escrita, visando ao consequente desenvolvimento dessas habilidades nas práticas sociais em que são envolvidas. Não basta o professor ensinar a criança

a ler, apresentar a criança à leitura; é primordial que ele saiba como, de que forma fazer tal ato, para que possa tornar-se letrada.

Assim, Rocco (2006) propõe algumas estratégias, a fim de serem desenvolvidas após a leitura de textos diversificados com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que a criança interaja, o quanto antes, com a alfabetização e o letramento.

Para o pesquisador supramencionado, o professor deve optar por textos que envolvam e seduzam os alunos, deve buscar o novo, algo que prenda a atenção dos alunos. Deve desvencilhar-se de textos pobres em interpretações, ou seja, de textos que não permitam ao aluno expandir sua compreensão.

Ao se trabalhar com crianças, deve-se ter o cuidado de selecionar textos e poemas com caráter narrativo, a fim de compreendam melhor o conteúdo. Deve ser criativo ao propor e criar exercícios referentes ao texto, para que o aluno realmente apreenda o conteúdo, solte a sua imaginação e criatividade mediante as possibilidades de interpretação que o texto oferece, sem que perca a literariedade do texto (ROCCO, 2006).

Rocco (2006) pontua que as crianças devem aprender a trabalhar com as mais diversas linguagens poéticas que se manifestam de diferentes formas: em contos de fadas, lendas, quadrinhos, crônicas, contos, fábulas, programas de tevê, entre outras. Desse modo, crescerão aprendendo a extrair informação e adquirindo, desde cedo, senso crítico. Para tanto, o professor deve preparar as crianças, respeitando suas habilidades cognitivas, para que elas cheguem à compreensão literal e à compreensão fina dos textos escritos. É preciso que a leitura, nesses dois níveis, seja muito bem trabalhada; caso contrário, no futuro, a criança poderá não ter domínio nem da leitura nem do texto escrito, ou seja, não desenvolverá seu letramento. Também deve selecionar dias para que haja rodadas de leituras entre todas as crianças. Além disso, quando for trabalhar com lendas, fábulas, contos de fadas, o professor deve contá-las com expressividade e usar todos os meios visuais para ilustrá-las, deve explorar bem a narrativa, deve questionar seus alunos sobre certos tópicos esquecidos para dinamizar a aula e fazer com que as crianças interajam com o texto. Elas podem desenhar e comentar sobre as histórias contadas pelo professor.

O estudioso também explica que professor deve atualizar-se, adequar as suas estratégias de acordo com sua realidade e com seus objetivos, ansiar por

novas metodologias e à sua aplicação. Nesse sentido, Justo e Rubio (2003, p. 6) asseguram que “Cabe aos professores transformar o aluno alfabetizado em uma pessoa letrada, e isso se dá através de incentivos variados, no que diz respeito a diversos tipos de leituras”. A relevância da leitura está em fazer com que a criança, além de alfabetizada, torne-se letrada, pois, somente assim, ela alcançará os benefícios aqui comentados.

Coelho (2000) enaltece que a literatura infantil representa um conjunto de produções literárias referentes a qualquer manifestação do sentimento ou pensamento diante de palavras, ou seja, contribui, eficazmente, para tornar a criança letrada, visão que é reforçada por Cunha (2003, p. 23):

[...] uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado.

A literatura infantil tem o poder de motivar o imaginário, de oferecer resposta a questões duvidosas, de instigar, a fim de ofertar soluções à curiosidade do pequeno leitor. Nesse processo, ouvir histórias tem uma valia que vai além do prazer proporcionado, já que a literatura infantil tem como papel consolidar a iniciação das crianças na estruturação da linguagem, noções, princípios e sentimentos, os quais auxiliarão na sua constituição como pessoa (CUNHA, 2003).

Dessa maneira, a Educação Infantil precisa continuar a proporcionar às crianças todo esse sonho, fantasia, alegria e, assim, explorar a literatura infantil, visto que prepara o indivíduo em desenvolvimento para se tornar um futuro leitor e, conseqüentemente, falante de sua língua.

Já para Debus (2004), a leitura é um instrumento de comunicação; a aquisição de muitos hábitos e habilidades complexas; um processo de compreender, pensar, sentir; reagir; um processo contínuo que se prolonga por muitos anos; um processo necessário para aprender. Resende (2003, p. 26-27) sustenta essa visão, quando afirma que:

Ouvir histórias é um hábito que deve ser cultivado desde bem cedo, uma vez que a criança começa a fazer a leitura dos fatos que vão surgindo no seu dia a dia, mesmo antes de fazer a leitura das letras. Da mesma forma, o contato com as cantigas de ninar funciona como ouvir pequenas histórias e isso contribui para que as crianças comecem a se familiarizar com as palavras de forma prazerosa.

Assim, ouvir histórias desenvolve o interesse pela literatura; ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções: medos, incertezas, coragem, ousadia, tristeza, saudade, alegria; aguça a percepção dos sentidos (ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário); e, principalmente, desperta o potencial crítico e criativo da criança, levando-a a pensar, avaliar, emitir sua opinião, ir além das evidências e, por este caminho, ela passa a se conhecer enquanto agente transformador da sociedade, vendo a vida com todas as suas cores.

Sob essa perspectiva, Resende (2003) assevera que a literatura infantil, pelo grandioso motivo de trazer o homem para o mundo literário, deve ser utilizada como ferramenta para a sensibilização da consciência, para o desenvolvimento da capacidade e empenho de averiguar o mundo.

Conforme salienta Coelho (2007), o essencial é que crianças tenham contato com todo tipo de obra literária e elas mesmas façam suas escolhas de acordo com que realmente se interessam e não por imposição. É que, durante o seu desenvolvimento, a criança passa por estágios psicológicos, que, com toda a calma, precisam ser averiguados e respeitados pelos pais, professores, no momento em que irão escolher uma obra para seu filho, para seu aluno. Esses estágios não dependem unicamente da idade da criança, contudo de seu nível de amadurecimento afetivo, intelectual, psíquico e do domínio do mecanismo da leitura.

De acordo com Castro (2014, p. 1), há cinco níveis que guiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

Quadro 1 – Estágios psicológicos da criança

NÍVEIS DAS FASES DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA		
Estágios	Faixa Etária	Situação
Pré-leitor	15/17 meses aos 3 anos de idade	A criança sente necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. É possível estimulá-la, oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocalhos musicais, entre outros. Assim, ela poderá manuseá-los e nomeá-los e com a ajuda de um adulto poderá relacioná-los propiciando situações simples de leitura.
	A partir dos 2/3 anos	É o início da fase egocêntrica. Os livros adequados devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. Livros que propõem humor, expectativa ou mistério são indicados para o pré-leitor.

Leitor iniciante	A partir dos 6/7 anos de idade	A criança começa a apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda encontra-se no início do processo, o papel do adulto como “agente estimulador” é fundamental. Os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito.
Leitor-em-processo	A partir dos 8/9anos de idade	A criança já domina o mecanismo da leitura. O leitor desta fase tem grande atração por textos em que haja humor e situações inesperadas ou satíricas. O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos, estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva
Leitor fluente	A partir dos 10/11 anos	O leitor fluente está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. É atraído por histórias que apresentem valores políticos e éticos, por heróis ou heroínas que lutam por um ideal. Identificam-se com textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, seja no grupo, equipe, entre outros. Os gêneros narrativos que mais agradam são os contos, as crônicas e as novelas.
Leitor crítico	A partir dos 12/13 anos de idade	É total o domínio da leitura e da linguagem escrita. Continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém, é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária.

Fonte: Castro, 2014, p. 1.

A cada faixa etária, a criança gosta de determinado estilo literário, mas a literatura infantil, até hoje, tem sido a preferida desse público, por mais que o tempo passe. Com toda a sua essência, cativa pela forma que trata o leitor por meio de fantasia, magia, do fantástico, como, por exemplo, o conto de fadas.

2. CONTOS DE FADAS E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A infância é o período no qual o indivíduo descobre e aprende constantemente. Desde que nasce, a criança aprende, tendo como ponto de referência desse aprendizado aquele que cuida dela. Para os pequenos, essa importante figura é visualizada como parte deles mesmos. Os bebês, durante seu desenvolvimento e ao atingirem estágios, vão descobrindo o mundo externo e aprendendo por meio de diversas designações, como pessoas e objetos. “Ao passar por essas etapas, seu psiquismo vai sendo formado, e o modo como ele apreende o que lhe é definido é estruturante para a formação da sua personalidade” (MELO, 2003, p. 9).

Segundo Lima (2008, p. 45),

[...] a vivência emocional e a qualidade das experiências e dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento humano. As experiências nestes primeiros anos de vida são as que contribuem para que o ser humano estabeleça determinados padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções.

Para respaldar o exposto, torna-se pertinente discorrer sobre a perspectiva psicanalítica de Freud, a qual surgiu no início do século XX, no centro da modernidade vienense, época em que a sociedade possuía valores culturais severos, originários de uma moral rígida que não permitia a satisfação de alguns sentimentos, tendo como base as forças inconscientes que motivam o comportamento humano. “O pai da Psicanálise⁴, de acordo com sua experiência clínica, acreditava que a fonte das perturbações emocionais estava nas experiências traumáticas reprimidas nos primeiros anos de vida” (MELO, 2003, p. 12). Suas convicções foram baseadas no fato de que a personalidade compõe-se nos primeiros anos de vida, quando as crianças participam de divergências entre os impulsos biológicos que nascem com elas, em se tratando das pulsões e as regras

⁴ Investigação psicológica que tem por fim fazer acudir à consciência os sentimentos obscuros e adormecidos ou longínquos. Método especial de tratamento criado pelo professor Freud, o qual se baseia naquela investigação (Dicionário Aurélio).

da sociedade. Cogitou que esses conflitos aconteceram em fases fundamentadas na maturação do desenvolvimento psicosssexual. Considerava que, pela ocorrência de as crianças se beneficiarem com muita ou pouca gratificação em qualquer uma das fases do desenvolvimento psicosssexual, poderia haver o risco de fixação, uma estagnada no desenvolvimento, podendo necessitar de auxílio para irem além do tempo dessa fase. Considerava, também, conforme Melo (2003), que as manifestações de fixações na infância apresentavam-sena fase adulta.

As pessoas com as quais a criança tem um contato mais afetivo no início de sua existência se tornam especiais na sua vida psíquica, no que se refere à sua influência. Para Freud (2006, p. 18), “isto é certo, quer o apego da criança a essas pessoas, seja por laços de amor, de ódio, ou ambos, sendo o último caso o mais comum.”

Na visão de Melo (2003), no período da infância, há grande capacidade de recepção e reprodução em que é muito habitual a existência da amnésia, a qual, para a Psicanálise, é uma transmissão de conteúdos conscientes, os quais nos provocam sofrimento para o inconsciente, com o intuito de proteger o nosso psiquismo. Portanto, é na infância, pelo fato de ser o período da composição da personalidade da criança, que a leitura deve ser inserida no cotidiano dos pequenos.

A leitura, quando prática adotada no dia a dia da criança, desperta-lhe o interesse, estimula a audição, a imaginação, permitindo-lhe que crie cenas e, conseqüentemente, facilite sua alfabetização no futuro. No entanto, para que seja prazeroso para as crianças e o contador (podendo ser, no início, a mãe e pai, ou um dos dois), é necessária a utilização de um ambiente propício, a fim de que a criança se sinta à vontade e se entregue à leitura.

Nesse sentido, Debus (2006, *online*) comenta que:

[...] a criança entra em contato com a produção literária desde os seus primeiros dias de vida, se reconhecermos a poeticidade emanada das cantigas de acalanto, verdadeiros poemas de afago, que estão presentes no imaginário infantil num jogo de proteção e repressão, como “Nana, nenê, que a cuca vem pegar...”; “Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa criança que tem medo de careta...”. Outro recurso poético encontra-se nas parlendas: “Hoje é Domingo, teu pai é gringo...”; “Cadê o pedaço de toucinho que estava aqui?...”. Nos trava-línguas: “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Nas adivinhas: “O que é o que é: temescama e não é peixe? Tem coroa e não é rei?”. Na lenga-lenga: “Uni-duni-tê..., um, dois, feijão com

arroz...”. Bem como em uma infinidade de formas poéticas que circundam o mundo infantil.

A criança fica diante de produção literária, como cantigas de acalanto, parlendas e trava-línguas, sendo cada uma à sua maneira, mas todas conduzem o ser em desenvolvimento a uma série de sentimentos, que já o levam a despertar o seu imaginário, o seu mundo de fantasias.

Sales (2001, p. 26-27) confirma a citação supracitada:

Ouvir histórias é um hábito que deve ser cultivado desde bem cedo, uma vez que a criança começa a fazer a leitura dos fatos que vão surgindo no seu dia a dia, mesmo antes de fazer a leitura das letras. Da mesma forma, o contato com as cantigas de ninar funciona como ouvir pequenas histórias e isso contribui para que as crianças comecem a se familiarizar com as palavras de forma prazerosa. Assim, ouvir histórias desenvolve o interesse pela literatura; ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções: medos, incertezas, coragem, ousadia, tristeza, saudade, alegria; aguça a percepção dos sentidos (ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário); e, principalmente, desperta o potencial crítico e criativo da criança, levando-a a pensar, avaliar, emitir sua opinião, ir além das evidências e, por esse caminho, ela passa a se conhecer enquanto agente transformador da sociedade, vendo a vida com todas as suas cores.

Ouvir histórias é algo salutar, principalmente na infância, fase em que os fatos e/ou vivências se transformam em inventividade, sonhos, imaginação. À vista disso, um gênero literário que possui uma linguagem lúdica, cheia de magia e encantamento, que proporciona esperança e conforto às crianças são os contos de fadas.

O gênero literário contos de fadas, de acordo com Bettelheim (2012), tem origem antiga, primeiramente como poemas de amores vividos, eternizados, sofridos e sonhados. Depois, os contos populares passaram a ter como finalidade lições de morais, sendo destinados aos adultos, trazendo como enredo as crenças, os anseios, medos, justiças e revoltas. Eram vividos por pessoas de diferentes locais e, de alguma forma, queriam alertá-las quanto aos perigos do mundo de forma anônima, para não sofrerem punições. Passando de roda em roda de conversas, as histórias foram ganhando dimensões literárias mais consistentes (sendo incrementadas de características repletas de literariedade, acentuando-se os elementos da ficção), com mais aventuras, personagens e fins trágicos.

Contudo, no século XVII, Charles Perrault⁵ e os irmãos Grimm⁶ começaram a viajar pela França e Alemanha atrás de histórias e, seguidamente, transcreveram-nas no papel. Surgem, pois, as primeiras coletâneas, nas quais as lições ficam mais fortes do que as denúncias. Os enredos eram sempre descritos em ambientes, tais como: reinados, castelos, vilarejos, visto que eram contados por pessoas das aldeias e da antiguidade. Os personagens eram criados a partir de reflexões acerca da composição cultural da época: mulheres que curavam eram consideradas bruxas, visualizadas nas histórias, comumente, como más; os pobres, normalmente, eram mandados a fazer as maldades pelos reis poderosos, e surgem, na maioria das histórias, como magos ou bruxos, por fazerem a maldade, simbolizando o clero, os padres opressores, bispos; os dragões eram símbolos de nobreza, representando o vilão — em forma da opressão exercida contra a população. Os personagens ganhavam formas e contornos (acrescidos de elementos mágicos) a cada história, retratando o momento vivido.

Obras clássicas como a Branca de Neve, Cinderela, entre outros criados pelos Irmãos Grimm, foram abordadas pela Disney, a fim de cativar o público infantil, e é interessante constatar como tais obras centenárias ainda permanecem atuais. Para justificar tal evidência, Bettelheim(2012), argumenta que muitos estudos têm mostrado que as pessoas usam o conhecimento de estrutura do conto para orientar suas expectativas, sua compreensão e produção de textos. Quando leem ou quando escutam um conto de fadas, aparentemente, usam um tipo de esquema estrutural que as grandes categorias do conto possuem, incorporando os elementos desse gênero à sua própria vida. E tal apropriação inicia-se na infância, ou no período em que os contos de fadas são apresentados ao ser humano.

Bettelheim (2012, p. 56) comenta que:

⁵Charles Perrault (1628-1703) foi um importante escritor francês, autor de grande número de contos infantis, entre eles: A Bela Adormecida, O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho e o Pequeno Polegar. Em 1697, com quase setenta anos, Charles Perrault passou a registrar as histórias, ou contos, recitados entre as damas nos salões parisienses. Ao dar um acabamento literário a esse tipo de história, estava criando um novo gênero da literatura, “o conto de fadas”. O livro, publicado no dia 11 de janeiro de 1697, ficou conhecido como “Contos da Mãe Gansa” e reunia diversas histórias, entre elas: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Gato de Botas”, “Cinderela”, “Barba Azul”, “As Fadas” e “O Pequeno Polegar”. Essas histórias eram encerradas em forma de poesia, contendo sempre uma lição de moral (EBIOGRAFIA, 2016, p. 1).

⁶Nascidos em Hanau, Alemanha, Jacob Grimm, em 1785, e Wilhelm Grimm, em 1786, os irmãos Grimm estudaram Direito junto ao seu pai, mas começaram a se dedicar integralmente à literatura e acabaram deixando a advocacia de lado. Uma das histórias mais famosas da humanidade, Branca de Neve, imortalizada pelo desenho criado nos estúdios Disney, foi passada para os irmãos Grimm por duas amigas de sua família. A maior parte dos contos, aproximadamente 200, foi ditada por uma camponesa idosa chamada Dorotea Viehmann (INFOESCOLA, 2016, p. 1).

[...] o conto parece ocupar um lugar privilegiado e específico na infância, principalmente quando tratam de fadas, duendes, ogros e acontecimentos sobrenaturais. Pertence inclusive a um gênero literário, que é o do conto popular...

Expandindo tais posicionamentos, Souza (2005) constatou que atrações tecnológicas não conseguiram acabar com o interesse das crianças pelos contos de fadas, posto que fornecem preciosa contribuição à educação, sendo que sua principal função realiza-se no nível afetivo, dando oportunidade às crianças de lidar simbolicamente com seus impulsos agressivos, suas culpas, seus desejos, seus medos e seu mundo interno.

Bettelheim (2012, p. 58) também destaca que:

[...] enquanto diverte a criança, o conto estabelece sobre si mesmo, oferece significados em tantos níveis diferentes, enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Entretanto, há autores que consideram os contos de fadas como um “detonador” da fantasia, da imaginação. Abramovich (2009, p.23) diz que “os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo [...] duma situação real [...], lidando com as emoções que qualquer criança já viveu”.

Já os pesquisadores Dantas e Prado (2004, p.93) retratam que “os contos de fadas fundamentam-se na psicogenética de Wallon, ou seja, um caminho seguro para a elaboração dos conflitos básicos infantis”. Por exemplo: da rejeição (João e Maria); da orfandade (Branca de Neve); do ciúme entre irmãos (A Gata Borralheira).

Continuando nessa perspectiva, Bettelheim (2012) é, entre outros, o responsável por divulgar uma leitura dos contos de fadas por meio dos desígnios da psicanálise. Diante de sua obra, *A Psicanálise dos contos de fadas* (2003, *grifos nossos*), o autor busca captar os significados que estariam subentendidos nos contos, para tentar compreender como eles resistem por centenas de anos. Os conhecidos contos de fadas, como os clássicos “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela” e “Bela Adormecida” encantam inúmeras gerações em diferentes países e culturas. Esses contos possuem algo tão profundo,

que não têm apenas o papel de distrair ou ninar as crianças. A grande capacidade deles está na magia que exprimem e nos efeitos que provocam, levando as crianças para um mundo encantado, constituído por diferentes personagens fantasiosos, tais como: fadas, ogros, duendes, bruxas (BETTELHEIM, 2012).

Sabendo que a sociedade é permeada por regras, na literatura infantil, mais propriamente nos contos de fadas, há também alguns pormenores. Segundo Coelho (2007, p. 14),

[...] dentre os vários indicadores que orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária. Há publicações específicas sobre o assunto e as editoras costumam fornecer catálogos com tal indicação.

Pode-se perceber que, em cada idade, a criança sonha com algo, imagina algo, apresenta interesse por determinado objeto, brinquedo, livro. Tanto os pais como os professores devem se interessar em saber sobre esse processo, pois, assim, vão apresentar aos filhos ou aos alunos aquilo de que eles irão realmente gostar. Logo, é relevante destacar o que Coelho (2007, p. 14-15) afirma a respeito desse assunto:

Geralmente, uma boa história agrada a todos. Ocorre, entretanto, que, no caso de uma narrativa para crianças pequenas, é necessário respeitar-lhes as peculiaridades, sobretudo seu estágio emocional. A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo à saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas, nem por isso, iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

No entanto, Cunha (2006, p. 78) assevera que “é evidente que os limites colocados em cada fase são teóricos: na realidade cada criança tem seus verdadeiros limites, determinados por muitos e diferentes fatores”, mas as fases evolutivas da inteligência, ou as denominadas estruturas mentais, são permanentes e semelhantes para todos. Como destaca Coelho (2007), as idades relacionadas a cada uma delas podem diversificar, dependendo da criança, ou do ambiente em que ela vive, mas, no geral, são assim verificadas:

- na Fase pré-mágica, que está incutida até 3 (três) anos de idade, divide-se a faixa etária da criança em 1 a 2 anos e 2 a 3 anos de idade.

a) 1 a 2 anos — Nesse período, a criança prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado, isso na encenação, nos gestos. Ela fica “parada” ao movimento de fantoches e a objetos que a animam. As histórias devem ter um contexto rápido e curto para prendê-la. Mas, o adequado seria inventá-las no momento da atividade. De acordo com Coelho (2007, p. 16):

As histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue ‘viver’ os enredos e sentir-se no ‘lugar’ em que os episódios narrados ocorrem.

Nesse período, devem ser utilizados livros de pano, madeira e plástico, que despertam interesse nas crianças; deve haver apenas uma gravura grande em página única, revelando coisas coloridas e divertidas. Além do que, nessa fase, há um grande interesse pelo concreto, ou seja, a criança gosta de apertar o fantoche, segurá-lo nas páginas, agarrar o livro. E as histórias devem possuir muita musicalidade, ritmo e repetição (COELHO, 2007).

b) 2 a 3 anos — Nesse período, as histórias devem possuir um texto curto e ser conduzidas rapidamente. Segundo Coelho (2007, p. 16),

[...] o enredo deve ser simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências, do dia a dia da criança. As histórias devem ser narradas com muito ritmo e entonação. As crianças têm grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados, pois se identificam com todos eles, devido à sua imaginação.

A pesquisadora Coelho também salienta que as crianças ficam entretidas com as gravuras grandes, contendo poucos detalhes, e com os bonecos, como, por exemplo, os fantoches, os quais continuam sendo o material mais afeiçoado por elas. Também a música exerce um grande fascínio sobre elas. As crianças acreditam que tudo ao seu redor tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo. Tudo é fantasia, sonho, mistério, tudo é mágico diante delas. Segundo Cunha (2006, p. 78), “predomina

nelas a fantasia, o animismo: tanto quanto as pessoas, os objetos têm para a criança alma, reações”.

Em suma, as crianças, nessa fase, têm preferência, como destaca Coelho (2007, p. 15), por “histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados), histórias de crianças”.

- Fase Mágica — É a fase dos 3(três) a 6(seis) anos. Os livros utilizados nessa fase devem esboçar o dia a dia familiar que a criança vivencia. A criança deve ser apresentada a imagens do tipo gravuras, ilustrações bem coloridas, desenhos sem nenhum texto escrito, ou apenas com textos breves, que podem ser lidos, ou representados pelo adulto, a fim de que compreenda a relação que há entre o "mundo real", em que ela vive, e o "mundo da palavra", que intitula de real. “É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade que a rodeia” (COELHO, 2007, p.15).

As imagens das histórias devem representar algo significativo para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, divertido e prazeroso. Além disso, o bom humor, um clima de expectativa, ou mistério são destaques primordiais nos livros para o pré-leitor. Nessa fase, as crianças sentem necessidade de ouvir a mesma história repetitivamente e em ambientes diferentes, contadas também por narradores diferentes. É o momento do "conte outra vez". Dessa forma, Coelho (2007, p. 16) completa:

Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade: nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrade. Relê. Revê. O prazer se renova.

O contador de histórias pode se transformar, utilizando roupas e objetos característicos. Assim, a criança passa a acreditar, realmente, que ele se torna o personagem da história ao colocar uma máscara, chapéu, capa. No entanto, alguns cuidados devem ser tomados, conforme esclarece Gargez (2004, p. 20):

[..] é preciso tomar cuidado com o tom de voz, como, por exemplo: os personagens malvados, fatos muito assustadores...Faz parte de seu desenvolvimento essa fase do medo e, conhecendo-a, não devemos utilizá-la como suporte para ensinamentos ou lições de moral.

Complementando, Oliveira (2011) explica que os contos de fadas, tais como: "O Lobo e os Sete Cabritinhos", "Os Três Porquinhos", "Cachinhos de Ouro", "A Galinha Ruiva" e "O Patinho Feio" apresentam uma estrutura bastante simples e têm poucos personagens, sendo adequados a crianças entre três e quatro anos. Enquanto "Chapeuzinho Vermelho", "O Soldadinho de Chumbo", "João e Maria" e o "Pequeno Polegar" são adequados a crianças entre 4 e 6 anos.

Sintetizando, "as crianças, nessa fase, gostam de histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve) e histórias de fadas" (COELHO, 2007, p.15).

Quando a criança chega à escola, é importante também que o professor conheça o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, pois, somente assim, poderá escolher o conto mais apropriado para cada momento de suas vidas. Cada faixa etária observará variáveis necessárias às atenções dispensadas ao texto, à compreensão da história, ao interesse demonstrado pela obra. Há diferenças básicas que deverão ser respeitadas sempre que se selecionar uma história. Dessa forma, mediante os estudos de Coelho (2007), as histórias infantis têm um momento oportuno para serem trabalhadas, visando à idade apropriada e ao grau de complexidade de cada história. Portanto, além de a idade fazer a diferença no momento de apresentar um livro de conto de fadas às crianças, há também algumas características bem marcantes ao escolher o tipo de literatura infantil para elas.

Segundo Cunha (2006, p. 61), "não basta ter ilustração para agradar à criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar a ela oportunidades de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho".

Além da escolha adequada dos contos de fadas para cada idade, Baldi (2009, p. 13) elucida que:

[...] outro fato importante é como o professor irá realizar esta leitura, com livros, fantoches, imagens para facilitar o entendimento dos ouvintes, ajudando a apropriarem da linguagem escrita, antes mesmo da alfabetização, e conseguir fazer com que a criança entenda a ideia geral do conto apresentado. Contudo, o professor deve fazer a sua intervenção, com perguntas simples que levem a criança a voltar à história e, para a finalização e fixação, usar os métodos lúdicos, brincadeiras, jogos e músicas, enriquecendo as experiências com a leitura.

Os contos de fadas lidos ou contados constituem sempre uma fonte de sentimentos e emoções que não acabam quando chegam ao fim (BALDI, 2009). Cada

conto de fadas incorpora na mente da criança um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções, portanto, deve ser bem contado, bem divulgado e bem trabalhado pelo professor, o que é reforçado por Baldi (2009, p. 13), quando acentua:

[...] criando outro universo com o qual e no qual o grupo (aluno e professores, juntos) estará interagindo por um determinado tempo, um espaço de cumplicidade e imaginação, é o que propõe essa modalidade de leitura, em que a professora lê aos alunos uma determinada obra, em capítulos diários.

A atividade de leitura socializada com contos de fadas permite uma expressiva experiência aos alunos, despertando-lhes o interesse e desenvolvendo, também, seu processo de letramento, enriquecendo, pois, seu histórico de leitura. Porém, é necessário que o professor goste do livro, saiba utilizá-lo com os alunos, aguçando-lhes a curiosidade, motivando-os para a leitura e realizando um trabalho diferente e prazeroso. Por isso, é que a leitura de conto de fadas deve ser prazerosa, divertida, entusiástica (BALDI, 2009).

Também Held (2008, p. 33) considera premente a utilização desses contos no contexto escolar. A autora relata que “os educadores devem promover reflexões, juntamente com as crianças, de forma a torná-las capazes de uma construção racional, objetiva e científica da realidade”. Dessa forma, o conto de fadas,

[...] tendo como destinatário a criança, ocupa um espaço importante na formação do leitor, uma vez que o infante, por razões tanto sociais como existenciais, privado de experimentar o que está fora dele, terá na literatura uma ponte que poderá auxiliá-lo no processo de conquista da compreensão do mundo à sua volta (TERRA, 2003, p.31).

Em face ao apresentado, há algum tempo, educadores estão sempre procurando técnicas e processos adequados à educação das crianças voltados à literatura infantil. Para Oliveira (2006, p. 27),

[...] a literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um para o desenvolvimento biológico e o outro para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais.

Assim, cabe ao professor da Educação Infantil proporcionar ao aluno as muitas sensações que podem decorrer da leitura de um conto de fadas, como destaca Oliveira (2006, p. 28):

Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação e até propiciar a experiência do desgosto, uma vez que esta é também um envolvimento afetivo provocador de buscar a superação.

Ademais, ouvir histórias tem um propósito que ultrapassa o prazer proporcionado, ela serve para a efetiva iniciação das crianças na construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação como pessoa, ou seja, no desenvolvimento social, moral, cognitivo da criança.

A criança, nos contos de fadas, é o personagem, ela se constrói nessa fantasia. E é justamente por meio dessa fantasia que os contos de fadas transmitem valiosas “mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente das crianças em qualquer nível que esteja funcionando no momento” (BETTELHEIM, 2012, p. 14).

Góes (2001, p. 116) explica que, por meio dos personagens do conto de fadas, ocorrem mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente das crianças, sendo que:

[...] em geral, são poucas e apresentando grande unidade; às vezes crianças; outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo como atuam são sempre exageradas. Ou são excessivamente boas ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros.

Compreende-se que as funções dos personagens representam as partes fundamentais de um conto de fadas, sendo limitadas e com sucessões sempre idênticas. Propp (2009, p. 143) concebe função como “a ação de uma personagem definida do ponto de vista de seu significado no desenrolar da intriga”. Essas funções

se dividem entre os personagens da história, recebendo, cada uma, sua respectiva ação sequencial:

Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma malfeitoria ou de uma falta, e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho. A função limite pode ser a recompensa, alcançar o objeto desejado ou, de uma maneira geral, a reparação da malfeitoria, o socorro e a salvação durante a perseguição, etc. Chamamos a este desenrolar de ação uma sequência. Cada nova malfeitoria ou prejuízo, cada nova falta dá lugar a uma nova sequência. Um conto pode ter várias sequências, e quando se analisa um texto, é necessário, em primeiro lugar, determinar de quantas sequências este se compõe (PROPP,2009, p. 144).

Os contos de fadas sempre foram importantes, já que, por meio deles, as pessoas demonstraram seus medos, os anseios, as angústias, os valores e as opiniões. Na contemporaneidade, assumem uma estrutura mais infantil, no entanto, possuem um ensinamento prazeroso da história antiga e abarcam lições de moral que servem para o nosso presente e para o futuro. Eles são muito encontrados nas escolas de Educação Infantil, porém, cabe ao educador usá-los com o intuito de favorecer o desenvolvimento moral das crianças, sendo um gênero de fácil compreensão, por conter uma linguagem simples e direta, auxiliando na memorização das crianças por meio das palavras e personagens instigantes, que são lembrados com facilidade (PROPP, 2009).

Bettelheim (2012, p. 14) também comenta que:

[...] os contos de fadas, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes (BETTELHEIM, 2012, p. 14).

Há inúmeras mensagens que os contos de fadas podem transmitir à criança, mas, realizando um estudo geral, fundamentado em Bettelheim (2003), destacam-se: há e haverá sempre uma luta na vida contra dificuldades graves, isso é parte

essencial da existência humana. Porém, se a pessoa não possuir medo e encarar de modo convicto as tiranias inesperadas (e, muitas vezes, injustas e sem necessidade), vencerá todos os obstáculos e, ao fim, obterá a vitória.

Também nos contos de fadas o mal é presente em todos os lugares quanto o ato virtuoso. Em praticamente todo conto de fadas, “o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem” (BETTELHEIM, 2012, p. 15). São esses dois princípios que apontam o problema moral e convoca a luta para solucioná-lo, sendo que a criança se identifica com o que vivencia.

Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela (BETTELHEIM, 2012, p. 15-16).

A Psicanálise, como assegura Bettelheim (2012), descreve que a criança é conduzida a se identificar, a se ver como herói bom e belo, não por sua bondade ou beleza, mas por perceber nele a própria personificação de seus problemas infantis, como seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, sobretudo, sua necessidade de segurança e proteção. Desse modo, domina o medo que a impossibilita e enfrenta os perigos e ameaças que pressente à sua volta, podendo atingir progressivamente o equilíbrio adulto.

Destaca-se, também, que, nos contos de fadas, a área do maravilhoso tem linguagem metafórica que se liga totalmente com o pensamento mágico, natural das crianças (BETTELHEIM, 2012). E, por fim, deve-se comentar que:

[...] a Psicanálise, demonstra que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem traz consigo e encara ao longo de seu amadurecimento emocional, seu desenvolvimento (COELHO, 2003, p. 18).

Como exemplo, tem-se o conto de fadas da Chapeuzinho Vermelho, no qual há apelo e caráter psicológico:

No decorrer do Conto é identificado um paradoxo, o da menina pré-adolescente que consegue assimilar as instruções da mãe a seguir pela estrada e sem sair desta, todavia, é facilmente convencida pelo lobo a optar por outro caminho, no qual ele sugere que ela observe as flores e ouça o canto dos pássaros (mesmo com a indicação contrária da mãe).

Quando a menina sai para levar a cesta com doces e vinho para a avó, Chapeuzinho deixa o lar voluntariamente. Não teme o mundo externo, e sim reconhece sua beleza, e aí está o perigo. Se o mundo fora do lar e do dever se torna atraente demais, poderá acontecer uma volta a um comportamento baseado no princípio do prazer. Há toda uma inocência de Chapeuzinho, uma inocência infantil, irmãos indo ao encontro da “maturidade”. Essa maturidade, que se encontra entre a infância e a puberdade da garota, é exemplificada quando ela nota alguma coisa de diferente na avó — quando o lobo passa-se por ela —, mas logo confunde-se e não dá importância, tendo em vista que o animal veste as roupas da parente.

Há a questão masculina, tendo como personagens: o lobo e o caçador; suas personalidades são relacionadas, respectivamente, com sedução, violência e proteção, altruísmo. O caçador, que é a figura mais atraente, tanto para os meninos como para as meninas, porque salva os bons e castiga o malvado. Finalmente, como é do caráter dos Contos de Fadas, a justiça e a lição estão presentes no momento em que a barriga do lobo é recheada com as pedras, isto é, como ele colocou indevidamente Chapeuzinho Vermelho e sua avó na barriga, comendo-as, assim que o caçador retirou-as de dentro do animal, este pôs os pedregulhos no lugar delas (BETTELHEIM, 2012, p. 207-218).

Dessa forma, a criança, que, por meio da história foi convidada a se reconhecer em um de seus protagonistas, sente que não é seguro fugir de circunstâncias problemáticas e que, por intermédio delas, há mudanças benéficas, além do que a justiça se faz presente no final de tudo. Knüppe (2002, p. 11) afirma que os contos de fadas:

- ensinam as crianças a enfrentar os sentimentos, seja de perda, angústia, medo ou amor;
- há amor, presente nas histórias, o amor que um Príncipe muito rico e bonito sentiu ao ver pela primeira vez a jovem menina que calçava um delicado sapatinho de cristal e que atendia pelo nome de Cinderela. Esse mesmo amor aparece no conto de Branca de Neve, escrito pelos irmãos Grimm, onde uma linda jovem está adormecida em uma redoma de vidro na floresta e aparece um Príncipe que com um simples olhar se apaixona pela moça e com um beijo a faz acordar;

- mostram que tudo passa, que sempre há uma Fada Boa (mãe, amigos, professora...) que nos ajuda a resolver os problemas, e que existem Lobos Maus (ladrões, sequestradores...), que devemos tomar cuidado ao sairmos à rua e, o mais importante, que sempre teremos o amor de alguém, seja de um Príncipe Encantado (namorado) ou de um Pai (família), e que ela (fada) existe;
- transmitem importantes mensagens, lidando com problemas humanos, encorajando o desenvolvimento e ao mesmo tempo aliviando preocupações. A criança se envolve tanto com os contos de fadas que, muitas vezes, começa a viver como os personagens, Quem nunca sonhou em virar Cinderela, ter uma carruagem e um lindo vestido e encontrar seu príncipe encantado, ou ser como Peter Pan, viver na Terra do Nunca e ser criança sempre? Todo esse processo faz parte da imaginação da fantasia vivida durante a contação de história. Os assuntos tratados nos contos são reais, tais como os medos que a criança pequena enfrenta: medo do escuro, do cachorro, da mãe deixá-la na escola e não buscá-la mais, etc., medos que fazem parte da nossa vida e, de uma maneira ou de outra, aprendemos a enfrentá-los.

Assim, a ideia que os contos de fadas querem transmitir às crianças é que há coisas na vida que não podem ser evitadas. Enquanto distrai, o conto de fadas está revelando fatos relacionados à própria criança, beneficiando o desenvolvimento da sua personalidade (KNÜPPE, 2002).

Barduco (2012, p. 1) explica que:

[...] nos contos, a bruxa, o lobo, o pirata e outros personagens maus, representam sentimentos ruins, são um arquétipo desses sentimentos, portanto, querer que estes personagens morram não é atitude de violência, mas a necessidade de acabar com estes sentimentos ruins. É preciso lembrar que, nas histórias, a morte não é violência, é o símbolo da transformação que vai ajudar a criança a elaborar os sentimentos ou sensações que a incomodam.

Por conseguinte, Barduco (2012) frisa que, diante dos contos de fadas, podem-se trabalhar sentimentos e sensações muito presentes nas crianças, como a ingenuidade, o ser feio, a rejeição, a sensação de algo ruim, o medo, a culpa, a inexperiência, a insegurança, a dor:

ingenuidade: Branca de Neve e Pinóquio (acreditam no personagem do mal);
feiura: Patinho Feio (um irmão mais bonito do que o outro);
medo: Chapeuzinho Vermelho, Aladim (medo de estranhos);
inexperiência: Os Três Porquinhos (o irmão mais velho sabe tudo)
insegurança: Alice no País das Maravilhas, Mogli, Peter Pan (sentir-se inseguro diante de situações novas);

rejeição: Cinderela;
culpa: Rei Leão, Pinóquio;
dor: A Pequena Sereia;
abandono: João e Maria (sentimento de abandono pela ausência dos pais) (BARDUCO, 2012, p. 1, *grifos nossos*).

Bettelheim (2012) reitera que os contos de fadas possuem a magia de falar aos leitores de tristezas, desconfortos, revelações, amor, amizade, de uma forma espontânea, aceitável e prazerosa. Expõem sobre a vida e a morte, da dificuldade que é passar da fase infantil e adolescente para a adulta. Cultivam a esperança, o sonhar, o acreditar naquilo que almeja e, o mais esplêndido, não suprimem a ilusão de que existem finais felizes. Novamente, o autor retrata que “o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual” (BETTELHEIM, 2012, p. 197).

Por isso, professores e educadores devem levar para a sala de aula os contos de fadas, proporcionando aos alunos momentos de fantasia, criando o prazer pela leitura e proporcionando que os pequenos desenvolvam sua linguagem oral, saibam ouvir a contação de histórias, associem as histórias à sua vida, adquiram valores, compreendam o valor das regras e mantenham contato com as valiosas ferramentas contidas na literatura infantil.

Malamut (1990, p. 5) retrata que:

[...] lidas ou contadas, as estórias constituem-se em generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando à criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, suas necessidades, seus desejos, sua sensibilidade.

Desse modo, Cagneti (2008) salienta que, se o educador tem como meta desenvolver um hábito duradouro e saudável de leitura, é preciso ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do aluno e estimulá-lo a, paulatinamente, adequar suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais e as condições ambientais forem evoluindo, sem interrompê-lo nem obrigando a gostos, mas, principalmente, oferecendo fruição no ato de ler.

Além da faixa etária e de outras características já apontadas no presente trabalho, o professor deve observar outros aspectos quanto à escolha da história a ser trabalhada em sala de aula. Garcez (2004) elenca alguns exemplos:

QUADRO 2 - Aspectos que o professor deve observar quanto à escolha de histórias

- O texto escolhido deve ser prazeroso não só para a turma, mas também para o professor. A história deve expressar essa comunhão de gostos para refletir-se em entusiasmo e em bom trabalho em aula.
- A leitura anterior do texto pelo professor é extremamente importante a um bom trabalho em sala. O texto deve ser explorado antes por ele, verificando sua adequação à idade e à realidade da criança.
- As ilustrações são um foco de interesse muito grande para qualquer faixa etária. É preciso observar se as ilustrações são ricas em detalhes, adequadas ao assunto desenvolvido e de fácil entendimento. Tem-se sempre opção de sugerir que as próprias crianças criem as ilustrações para uma história que será lida.
- Em toda e qualquer idade, é sempre interessante trabalhar com temas associados à realidade de cada turma.

Fonte: Garcez, 2004, p. 19.

Então, conforme Garcez (2004), antes de apresentar o conto de fadas às crianças, o professor deve realizar um planejamento, delinear o que pretende com a leitura desse gênero, a fim de saber conduzir bem a sua aula. O momento da motivação ocorre antes de o texto ser apresentado às crianças. Nessa etapa, o professor deve despertar a curiosidade e a atenção dos ouvintes e eles deverão entrar na história como parte atuante. Os recursos vão desde a mais simples apresentação da capa do livro até onde for a criatividade do professor.

Continuando, a pesquisadora enfatiza que variar técnicas e metodologias de apresentação e desenvolvimento é necessário para as expectativas positivas de um grupo frente aos conteúdos desenvolvidos (GARCEZ, 2004).

A autora apresenta, a seguir, algumas propostas que podem e devem ser adequadas a cada grupo, entre outras:

- construção de fantoches com sucatas;
- confecção de maquetes com materiais diversos;
- realização de desenhos, colagens, pinturas, esculturas;
- desenvolvimento de atividades de expressão corporal, como mímica e jogos teatrais;
- criação de novos finais para mesma história;
- criação de uma nova história com mesmos personagens;
- confecção de ilustrações novas para um livro;
- seleção de palavras da história para criar outras histórias;
- criação de jogos educativos para trabalho de ortografia, gramática e vocabulário — memórias, dominós, bingos, quebra-cabeças — com palavras e desenhos da história;
- organização de um tribunal para defender personagens opostos (bruxas e princesa, por exemplo);

- organização de novo texto a partir de pedaços de texto lido, porém desordenados;
- construção de texto coletivo sobre as percepções da leitura de livro;
- confecção de história seriada (história em quadrinhos), a partir de uma leitura;
- organização de álbum de figurinhas com a ficha pessoal de cada personagem;
- construção de jogos de tabuleiro, com ações segundo a sequência dos dados e piões no mesmo;
- organização de um alfabetário de um livro;
- realização de pesquisa sobre a vida e a obra de autores trabalhados;
- criação de rimas e poesias a partir de tema de livro.

Fonte: Garcez, 2004, p. 20-21

É interessante que, durante esse processo, as crianças, que são as principais protagonistas, tenham a liberdade de se expressar. Cada uma terá uma opinião sobre a história do conto de fadas e que pode ocorrer de não ser positiva, assim, por meio da proposta de trabalho delineada, é extremamente importante que cada uma tenha a chance de recriar aquilo de que não tenha gostado, buscando novas soluções para uma situação, observando se, de alguma forma, essa situação está presente em sua realidade diária, no seu dia a dia (GARCEZ, 2004).

Ampliando as informações já expostas, Garcez (2004) declara que a apresentação de alguma estória pode ocorrer com ou sem o auxílio de livros, meramente a narração é uma poderosa forma de apresentação, ela não necessita de nenhum acessório do narrador, pois ele mesmo deve expressar a sua emoção. Logicamente, se houver algo que o narrador queira utilizar como algum boneco, fantoche, só irá enriquecer a apresentação. Já com o auxílio do livro de estórias, a ilustração complementa a voz do narrador, desenvolvendo a sequência lógica do pensamento. Se o narrador for conhecido da sala de aula, ou mesmo do grupo de leitura, ele deve procurar expressar-se com suas próprias palavras, trazendo a criança para mais perto da estória e, assim, fazendo-a se interessar mais.

Casasanta (2008, p.56-58) comenta que, para ser um bom contador de histórias, é importante que possua características, como:

- ser uma pessoa hábil, versátil, sensível à beleza da história, capaz de assimilar todos os seus elementos e transmiti-los;
- gostar da história: não contar nunca uma história de que não goste;
- levar em consideração a idade dos ouvintes e adaptar as histórias de acordo com o ciclo de interesse;

- criar um desfecho poético para deixar uma sensação de beleza que continuará com as crianças nas horas seguintes;
- conhecer e estudar bem a história em suas várias versões; escolher a melhor e adaptar-lhe o que as outras tiverem de bom;
- reter, o mais possível, as mesmas palavras do texto, para, assim, narrá-lo às crianças;
- explicar o vocábulo novo que aparecerá na história, para não ser interrompido com perguntas durante a narrativa;
- providenciar ilustrações bonitas das cenas mais interessantes para enriquecer a narrativa;
- modular a voz de acordo com os acontecimentos narrados;
- preparar o ambiente de narração da história;
- provocar a emoção;
- comentar a história com as crianças. Evitar perguntas formais como: “Gostaram?” “Por quê?”.

O autor supracitado diz que “Contar estórias é uma arte. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte” (CASASANTA, 2008, p. 62).

Já Abramovich (2009) afirma que a história com o uso de gravuras, fantoches, varetas, avental, painel, desenhos ou estampas impressas, favorece muito as crianças menores, permitindo que elas observem detalhes, oportunizando situações de análises críticas das imagens para o desenvolvimento do raciocínio lógico, nas noções de personagens, espaço e tempo da narrativa e, conseqüentemente, da expressão verbal.

Outro momento diz respeito às atividades da exploração do texto, sendo que objetivo é verificar, de maneira lúdica, se a história foi compreendida. Chamar a atenção para os aspectos estruturais do texto e discutir questões levantadas a partir de sua audição, é o momento da realização de uma verdadeira análise da obra (ABRAMOVICH, 2009).

Lembra Abramovich (2009, p. 67) que:

[...] há poetas que brincam com as palavras de um modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lida com toda ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçado no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pelas páginas quase como uma cantiga e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui.

Como declara Abramovich (2009), a literatura infantil é fundamental quanto à ludicidade, tanto que há obra que parece mais uma cantiga com palavras sonoras a cada página, que, conseqüentemente, torna-se gostosa de ler e de ouvir.

Busatto(2003, p.46-49) sustenta o exposto, explicando que:

[...] educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa. É descobrir que sempre há mais energia do que pensamos ter e, que ela poderá ser dirigida para preparar o sono do filho, por exemplo.

A literatura infantil, por meio de contos de fadas, oferece à família uma relação de energia boa, principalmente no momento de os pais e/ou responsáveis conduzirem a criança para dormir. Portanto, a Educação Infantil precisa trabalhar a literatura com o intuito de preparar futuros leitores e, ao mesmo tempo, dar sentido à própria língua. Macamut (2005, p. 5) destaca que: “[...] sem a menor dúvida, em nível de pré-escola, podemos dizer que contar histórias é um riquíssimo recurso didático, oferecendo inúmeras possibilidades de aproveitamento que a professora deverá saber usar[...]”.

Para Rego (2005, p. 54),

[...] a literatura infantil tem credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, é que através desses conteúdos ela poderá despertar a atenção da criança para as características da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica.

Dessa maneira, de acordo com Rego (2005), as crianças devem perceber na leitura algo prazeroso e desafiador, uma conquista capaz de dar-lhes plena autonomia e independência. Portanto, toda criança deve contemplar a escola como um espaço excepcional voltado para a leitura e a escrita.

E, diante de tanta tecnologia, mediante os postulados dos autores estudados, percebemos que tudo o que se propaga tem sido virtual e globalizado, nunca os contos de fadas foram tão essenciais ao cotidiano de uma criança como atualmente, visto que propiciam à criança do século XXI uma viagem a um mundo mais lúdico, alimentam a sua imaginação e, sobretudo, auxiliam na consolidação do prazer de ler, pelo fato de que, ao interagir com as páginas de um conto de fadas, lendo ou apenas ouvindo, a criança pode sentir-se motivada a procurar, gradativamente, outras histórias.

3 PESQUISA

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

3.1 Método de abordagem

O Método para a pesquisa realizada foi o indutivo. De acordo com Gil (2008), esse método é aquele que “parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. A generalização não deve ser buscada, mas constatada a partir da observação de casos concretos” (GIL, 2008, p. 10).

3.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi do tipo exploratória, sendo que Gil (2008, p. 27) explica que ela “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

A caracterização da pesquisa exploratória pode ser quantitativa ou qualitativa, tendo, a presente pesquisa, cunho qualitativo.

Richardson (2010, p. 80) menciona que:

[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, podendo contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Assim, na pesquisa qualitativa, o método é um caminho para se chegar a conhecimentos válidos e são originados por meio de informações de pessoas diretamente vinculadas à experiência estudada (MINAYO, 2012).

3.2.1 Instrumento de coleta de dados

O instrumento da pesquisa foi questionário, buscando-se mais detalhes, mais informações e proximidade com os entrevistados, como as coordenadoras e professoras regentes da Educação Infantil de crianças de 4 anos de idade.

Conforme Gil (2008, p. 109) salienta, a entrevista “é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

Cervo e Bervian(2007, p. 46) asseveram que:

[...] a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente os pesquisadores em ciências sociais e psicológicas. Recorrem esses à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas. Esses dados serão utilizados tanto para o estudo de fatos como de casos ou de opiniões.

Utilizou-se, para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada, pelo fato de poder utilizar perguntas fechadas e abertas para as entrevistadas e, assim, obtermos informações mais complexas e detalhadas.

3.2.3 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma cidade localizada no sudoeste mineiro, de porte mediano, a qual conta com uma área de 822,295 km², e está situada a 107 quilômetros de Ribeirão Preto/São Paulo e distante da capital do Estado, a cidade de Belo Horizonte, em 400 Km.

A população recenseada em 2014 era de 69.057 habitantes.

3.2.4 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas unidades escolares que possuem Educação Infantil, sendo uma escola particular e outra privada, ambas com espaço amplo para o desenvolvimento de atividades, quadra coberta, várias salas de aula, trazendo muitos benefícios a seus alunos.

3.2.5 Amostragem

Houve entrevista com 1 coordenadora de escola particular e 1 coordenadora de escola pública; 2 professoras regentes de escola pública e 1 de escola particular, todas da Educação Infantil de crianças de 4 anos de idade, sendo todos os profissionais graduados.

A pesquisa levou em conta a seguinte observação: todos os participantes deveriam concordar em participar do estudo de forma espontânea, assinando o Termo de Livre Consentimento.

Scheunemann (2011) destaca que, de acordo com determinado critério, é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que compõem a amostra, no caso, pessoas da convivência estreita com os alunos e todos responsáveis por sua formação. As pesquisadoras (autoras da presente monografia) se dirigiram intencionalmente a grupos de elementos dos quais desejavam saber a opinião.

3.2.6 Procedimentos éticos

Para a realização da pesquisa, que envolveu seres humanos, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Núcleo Interno de Pesquisa — NIP da Faculdade Calafiori, para ser avaliado, acompanhado de um protocolo de Consentimento Livre Consentido.

3.2.7 Planejamento de análise dos dados da pesquisa

Os dados foram avaliados por meio de análise de conteúdo, realizado mediante os seguintes aspectos propostos por Bardin (2004, p. 89): “(1) a pré-análise; (2) a exploração do material; (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A apresentação e a análise dos resultados desta pesquisa são relatadas em dois momentos. No item 4.1, exposto a seguir, é feita a apresentação dos participantes das entrevistas, lançando um olhar particular sobre cada um, a fim de situá-los como agentes que, de diferentes formas, atuam e interferem no desenvolvimento das escolas participantes da pesquisa.

Posteriormente, no item 4.2, ainda neste capítulo, são apresentadas e discutidas as categorias de análise, que emergiram da avaliação dos dados, buscando respostas aos questionamentos que nortearam todo o trabalho.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Buscamos delinear o perfil dos participantes com o objetivo de verificar a utilização dos contos de fadas na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária proposta por algumas unidades de ensino. Assim, entrevistamos duas coordenadoras, sendo uma atuante em escola pública e outra em escola particular; duas professoras regentes de escola pública e uma de escola particular, da Educação Infantil de crianças de 4 anos de idade.

4.1.1 As coordenadoras

A coordenadora da escola pública nos recebeu cordialmente, abrindo-nos as portas da escola de modo que pudéssemos observar que a escola está bem organizada.

A estruturação do espaço físico da escola é espaçosa podendo ser realizado atividades sem receio e de livre criatividade. Os profissionais que preparam os espaços levam em conta a qualidade da organização, como respeito às normas de segurança, higiene, prazer estético e versatilidade, criando condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício de seu desenvolvimento e de sua

aprendizagem, aprendendo de forma ativa a interação com outras crianças e com adultos.

A escola fornece livros, jornais, revistas, vídeos, um excelente laboratório de informática com computadores atuais, que, conseqüentemente, favorecem o conhecimento, para que o aluno possa usufruir desse acervo.

O período da nossa observação e condução da entrevista foi um tempo importante para se averiguar os objetivos propostos na pesquisa diante de como as atividades, projetos e uma coordenação bem conduzida na escola podem fazer toda a diferença no desenvolvimento e aprendizado de cada criança.

Em se tratando da coordenação da escola particular, também nos recebeu de forma bem solícita. Mostrou-nos toda a escola, que observamos ser uma instituição bem organizada, um ambiente acolhedor para as crianças pequenas.

A estruturação do espaço físico da escola é condizente com o número de crianças da Educação Infantil. Os profissionais que preparam os espaços levam em conta, também, a qualidade, a diversidade de materiais pedagógicos, a higiene, a acessibilidade, a estética, sendo ambientes bastante coloridos e com objetos alegres, divertidos, criando condições para que os alunos tenham um apoio pedagógico de qualidade e evoluam em sua aprendizagem e desenvolvimento.

A escola fornece livros com uma biblioteca bem atual, jornais, brinquedoteca colorida e lúdica, revistas, vídeos, um excelente laboratório de informática com computadores atualizados.

O período da nossa observação e condução da entrevista foi um tempo essencial para se constatar pontos significativos na rotina da escola, como projetos bem elaborados, planejamentos sintonizados com a vivência das crianças, levando-nos a crer que a coordenadora realiza um trabalho bem sistematizado junto à sua equipe.

Assim, utilizou-se legenda para designar os sujeitos que participaram da pesquisa:

- Coordenadora A (Escola Particular).

Atuante como profissional da Educação há 14 anos, sendo 11 anos em sala de aula e 3 como coordenadora na escola.

Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, Pós-graduação em Lúdico e Psicomotricidade na Educação Infantil, Curso de Orientação e Supervisão.

- Coordenadora B (Escola Pública).

Atua há 15 anos nessa função e, na escola, há 10 anos.

Possui Licenciatura Plena em Pedagogia e as seguintes Especializações (Pós-Graduação *latu sensu*) em: Processo Ensino-Aprendizagem; Informática em Educação; Mídias na Educação; Tecnologia na Educação; Educação Inclusiva e Educação Infantil.

4.1.2 As professoras regentes

Todos as professoras nos receberam, interagiram conosco diante das perguntas apresentadas de forma dinâmica e responsável.

Todo o processo realizado com as professoras entrevistadas auxiliou-nos sobremaneira, pois com elas foi possível ver, realmente, no cotidiano escolar, como os contos de fadas são trabalhados na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária.

Assim, utilizou-se legenda para designar os sujeitos que participaram da pesquisa:

- Professora A (Escola Particular).

Professora regente de turma de criança de 4 anos de idade. Atua há 11 anos em sala de aula, sendo 7 anos na escola. Graduação em Pedagogia e Especialização em Educação Infantil.

- Professora B (Escola Pública).

Professora regente de turma de criança de 4 anos de idade. Atua há 1 ano em sala de aula e na escola. Graduada em Pedagogia.

- Professora C (Escola Pública).

Professora regente de turma de criança de 4 anos de idade. Atua há 3 anos em sala de aula e na escola. Graduada em Pedagogia.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Tomando as falas dos participantes, as 2 coordenadoras, sendo uma de escola pública e a outra de escola particular; 2 professoras regentes de escola pública e 1 de escola particular, foram constituídas as categorias de análise. As

mesmas são compreendidas como delimitação de reflexão a integrar novas referências que vão manifestando no percurso do processo construtivo, sempre apreciando os objetivos propostos para esta pesquisa. Assim, foram constituídas duas categorias, conforme pode ser averiguado a seguir.

Categoria 1 A VISÃO DAS COORDENADORAS

Definição de contos de fadas

Importância dos contos de fadas na Educação Infantil

Preparação do professor de Educação Infantil quanto ao trabalho com contos de fadas em sala de aula

Acervo das obras de contos de fadas da escola em que atua

A maneira como os professores da Educação Infantil da instituição de ensino aprimoram os estudos quanto à prática pedagógica

Categoria 2 O TRABALHO DAS PROFESSORAS

O modo de realização do trabalho com os contos de fadas em sala de aula

A maneira de selecionar os contos de fadas utilizados em sala de aula

Preparação da professora de Educação Infantil quanto ao trabalho com contos de fadas em sala de aula

Importância dos contos de fadas na Educação Infantil

Definição de contos de fadas

4.2.1 Categoria 1 A VISÃO DAS COORDENADORAS

- Definição de contos de fadas

Como se pode verificar pelas respostas, cada coordenadora, a seu modo, respondeu-nos sobre a definição de contos de fadas, contudo percebemos que ambas declararam, praticamente, serem contos de fadas histórias de fantasias, onde há príncipes e princesas; há vilões, seres encantados, um mundo de magia, construído a partir de um tema para o qual se pode aprender.

Para mim, contos de fadas são histórias que envolvem a fantasia tanto de quem conta (adulto) como de quem ouve (criança). São histórias que sempre apresentam um tema, um ensinamento. Muitas vezes, vivenciadas por heróis, princesas, vilões, bruxas, etc., que vivem diversas situações e geralmente terminam com um final feliz (COORDENADORA A - ESCOLA PARTICULAR).

São histórias com príncipes, princesas, bruxas, seres encantados que fascinam crianças e adultos (COORDENADORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Como se pode verificar no contexto do trabalho, por meio de Bettelheim(2012), confirmam-se os dizeres das coordenadoras: Os conhecidos contos de fadas, como os clássicos “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela” e “Bela Adormecida” encantam inúmeras gerações em diferentes países e culturas. Esses contos possuem algo tão profundo, que não têm apenas o papel de distrair ou ninar as crianças. A grande capacidade deles está na magia que exprimem e nas fantasias que provocam, levando as crianças para um mundo encantado, cheio de fadas, ogros, duendes, bruxas, enfim, personagens fantasiosos (BETTELHEIM, 2012).

- Importância dos contos de fadas na Educação Infantil

A Coordenadora A – escola particular retratou sobre a importância dos contos de fadas para que a criança da Educação Infantil comece a criar o hábito de ser um leitor. Até porque, esse gênero textual conduz a criança a desenvolver as emoções e a imaginação, sentimentos tão comuns nessa faixa etária.

O trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil é importante, pois é, nessa fase (infância), que os hábitos estão em formação e, desta forma, é de suma importância desenvolver o hábito da leitura e o gosto pelos livros. Os contos de fada levam as

crianças a desenvolver a imaginação, emoções, sentimentos de forma prazerosa e significativa (COORDENADORA A - ESCOLA PARTICULAR).

A Educação Infantil precisa trabalhar a literatura com a meta de preparar futuros leitores e, ao mesmo tempo, dar sentido à própria língua. Macamut (2005, p. 5) destaca que: “[...] sem a menor dúvida, em nível de pré-escola, podemos dizer que contar histórias é um riquíssimo recurso didático, oferecendo inúmeras possibilidades de aproveitamento que a professora deverá saber usar[...]”.

Já a Coordenadora B – escola pública declarou que a relevância dos contos de fadas para a criança da Educação Infantil somente será favorável se o trabalho conduzido pelo professor for bem feito. E que essa importância está no fato de esse gênero textual trabalhar a abstração e o emocional da criança.

Um trabalho bem feito com os contos de fadas na Educação Infantil é fundamental para crianças, porque possibilita o desenvolvimento do imaginário, da fantasia. Segundo estudos, “ouvir” histórias contribui para o desenvolvimento da capacidade de abstração da criança; possibilitando sua descentração (sair do egocentrismo) e abstração (ouvir e fazer uma imagem mental). A abstração contribui para a aprendizagem da Matemática. Sabe-se que os contos de fadas também são importantes para se trabalhar o emocional das crianças (COORDENADORA B - ESCOLA PÚBLICA).

No referencial teórico do presente trabalho, Cunha (2006) aponta, por meio de suas palavras, que, mesmo diante de um livro de contos de fadas interessante e colorido, se esse não for bem trabalhado, o resultado não será tão benéfico à criança. “Não basta ter ilustração para agradar à criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar a ela oportunidades de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho” (CUNHA, 2006, p. 61).

- Preparação do professor de Educação Infantil quanto ao trabalho com contos de fadas em sala de aula

Quanto aos professores de Educação Infantil estarem preparados para conduzir aulas com o auxílio de contos de fadas, as coordenadoras entrevistadas divergiram.

A Coordenadora A – escola particular disse que o professor da Educação Infantil está preparado, até porque o gênero textual em questão é a essência da criança desse período. Além do que, por ser uma ferramenta rica, há várias maneiras, a fim de que o professor possa ministrar uma aula divertida e interessante. Esse profissional se envolve com os contos de fadas.

Acredito que sim, pois este gênero textual está presente de forma muito intensa na Educação Infantil, faz parte do universo das crianças nesse período escolar e é uma ferramenta valiosa nas mãos do professor de Educação Infantil, pois os contos de fadas podem ser trabalhados de diversas maneiras, as histórias podem ser lidas ou contadas, pode-se utilizar fantoches, acessórios, falar com clareza, dar entonação na voz, ter postura corporal. Tudo isso enriquece e fortalece a relação aluno/professor, gera conhecimento e desenvolvimento global da criança. O professor de Educação Infantil, geralmente, está preparado, disponível e se envolve facilmente em atividades como essa (COORDENADORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Em se tratando da opinião da Coordenadora B – escola pública, essa disse que o professor da Educação Infantil não está preparado para trabalhar os contos de fadas na sala de aula, pelo fato de que eles possuem possibilidades tão vastas e ricas que o profissional não tem capacitação para esgotá-las.

Não. As possibilidades terapêuticas e educacionais do trabalho com os contos de fadas são enormes e acredito que a maioria dos professores não possui treinamento, capacitação para esgotar todo o potencial (COORDENADORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Cada coordenadora teve sua opinião como se pôde notar anteriormente, mas registra-se que o professor da Educação Infantil deve ser capaz de conduzir o trabalho com contos de fadas, até porque é esse profissional que insere a criança no mundo letrado e, naturalmente, motiva-o a ler ou não pelo prazer ou gosto. Assim, o professor precisa estar em constante formação, visto que, segundo Sens e Collares(2009, p. 44),

O professor, ao trabalhar uma história infantil com as crianças, deve ser capaz de manter o ouvinte atento, utilizando-se de inflexões de voz, do jogo fisionômico, gestos e movimentos. A palavra tem para a criança um poder mágico e a narrativa oral produz ótimo resultado. O contador de histórias poderá criar situações que permitam ao ouvinte interagir, estratégia que auxilia na compreensão e na constatação de

significados, os quais darão sentido à narrativa. Esse cuidado é fundamental para despertar o interesse e o entusiasmo na criança, além de refletir sobre as situações apresentadas nos diversos contos de fadas, como, por exemplo: contexto familiar, econômico, político e social, relações de poder, entre outros.

O professor da Educação Infantil deve tomar cuidado em apenas ler o conto de fadas, pois, dessa forma, não promove o gosto pela leitura. É necessário que o professor goste do livro, saiba explorá-lo com os alunos, despertando-lhes a curiosidade e, para fazer a motivação da leitura, realizar um trabalho diferente e prazeroso, por isso é que a leitura do conto de fadas deve ser instigante (BALDI, 2009).

- Acervo das obras de contos de fadas da escola que atua

O acervo é dividido por faixa etária, de modo que, para as crianças menores, os livros geralmente são mais finos e as histórias mais resumidas. E, para as maiores, os livros já são com histórias mais elaboradas. Contamos, também, com o recurso visual, assistindo a histórias na lousa interativa. Procuramos sempre renovar o nosso acervo. Temos, também, as histórias em CD (áudio) (COORDENADORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Nosso acervo é bom. O Município e a própria escola investem na aquisição de livros de Literatura Infantil, especialmente os clássicos contos de fadas (COORDENADORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Segundo as coordenadoras, o acervo de contos de fadas das escolas em que trabalham, tanto na particular, como na pública, são bons. Na escola particular, há uma variedade maior em se tratando de materiais, ou seja, não apenas livros, mas áudio e a lousa interativa.

- A maneira como os professores da Educação Infantil da instituição de ensino aprimoram os estudos quanto à prática pedagógica

Em nossos encontros, jornadas pedagógicas e cursos especializados no assunto. E também na troca de experiências entre a equipe, uma vez que sempre tem um professor que se destaca e apresenta facilidade para trabalhar com os contos de fadas (COORDENADORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Através de cursos de Formação Continuada, organizados pela Secretaria Municipal de Educação e pela própria escola(COORDENADORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Tanto na escola particular, como na pública, segundo as coordenadoras das respectivas instituições, os professores da Educação Infantil aprimoram seus estudos quanto à prática pedagógica, realizam formações para o enriquecimento de seus conhecimentos voltados ao trabalho com os contos de fadas. A diferença é que, na escola particular, o aprimoramento dos professores do período comentado é realizado por troca de experiências, auxílio daquele professor que obteve mais facilidade com o trabalho com os contos de fadas. Já quanto aos professores da escola pública, o aprimoramento realiza-se de acordo com o que a Secretaria Municipal de Educação estipula, e não há encontros sistematizados de professores relativos ao tema em questão.

É salutar dizer que, independentemente de como as professoras da Educação Infantil se aprimoram, Chimentão (2012, p. 3) explica que:

[...] a formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação do professor, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança. Fica mais difícil de o professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

A formação continuada de professores tem sido compreendida como um seguimento de evolução dos conhecimentos essenciais à atividade profissional desempenhada depois da formação inicial, com a meta de proporcionar um ensino de excelente qualidade aos alunos.

4.2.2 Categoria 2 O TRABALHO DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- O modo de realização do trabalho com os contos de fadas em sala de aula

É desenvolvido o projeto sobre contação de história com o nome: “Uma viagem à casa da imaginação”. Com o principal objetivo dedespertar nas crianças o gosto e interesse pela leitura. São selecionados os contos de fadas “clássicos”, pois são mais

interessantes e as histórias são curtas. Para contar, é necessário conhecê-la bem, assim eu conto com segurança, deixando a imaginação tomar conta da narração.

Antes de iniciar a atividade, procuro um ambiente agradável e reúno as crianças em roda. As histórias são contadas várias vezes e exploradas de diversas maneiras: livros, fantoches, objetos, fantasias, DVD, avental.

Sempre crio um suspense, para chamar a atenção e estabeleço diálogos com os alunos, como: Vocês sabem o que vai acontecer agora? Alguém já conhece esse personagem dessa história?

Para valorizar ainda mais as narrativas, uso gestos, expressão facial e mudo sempre a entonação (PROFESSORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Dentro do Ciranda⁷, material utilizado na rede municipal, trabalhamos os contos de fadas dentro do eixo linguagem, também temos o “Projeto Leitores da Classe” e a leitura diária que utilizam os contos e também outros textos (PROFESSORA B - ESCOLA PÚBLICA).

O trabalho com contos de fadas é realizado em um ambiente tranquilo, com as crianças sentadas em roda, são utilizados artigos variados como fantoches e brinquedos para estimular e prender a atenção das crianças. Posteriormente, estimulamos com cantinhos, em brincadeiras e em recontos (PROFESSORA C - ESCOLA PÚBLICA).

Primeiramente, todas as professoras trabalham com os contos de fadas em suas salas de aulas, o que é algo muito bom. Talvez o modo seja diferente, devido ao material no qual elas se baseiam: A Professora A – escola particular se baseia em um projeto denominado “Uma viagem à casa da imaginação”; a Professora B – escola pública no Ciranda e no “Projeto Leitores da Classe” e a Professora C – escola pública não comentou sobre nenhum Projeto.

O modo pelo qual a Professora A – escola particular e a Professora C – escola pública realizam o seu trabalho é semelhante, como se pôde averiguar.

Garcez (2004, p. 20-21) apresentou no referencial teórico algumas propostas que podem e devem ser adequadas a cada grupo de crianças da Educação Infantil:

⁷ Uma proposta completa para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, adotada atualmente por redes públicas e escolas particulares. Um currículo de Educação Infantil que respeite o direito da criança de ser criança e que possibilite a construção de conhecimentos formais e sociais é premissa que está no cerne do Projeto Ciranda. Embasado nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e nas pesquisas mais recentes acerca da educação da infância, o material está organizado por faixa etária e oferece propostas que respeitam as especificidades das crianças de 3, 4 e 5 anos (CIRANDA, *online*, 2016, p. 1).

- construção de fantoches com sucatas;
- confecção de maquetes com materiais diversos;
- realização de desenhos, colagens, pinturas, esculturas;
- desenvolvimento de atividades de expressão corporal, como mímica e jogos teatrais;
- criação de novos finais para mesma história;
- criação de uma nova história com mesmos personagens;
- confecção de ilustrações novas para um livro;
- seleção de palavras da história para criar outras histórias;
- criação de jogos educativos para trabalho de ortografia, gramática e vocabulário — memórias, dominós, bingos, quebra-cabeças — com palavras e desenhos da história;
- organização de um tribunal para defender personagens opostos (bruxas e princesa, por exemplo);
- organização de novo texto a partir de pedaços de texto lido, porém desordenados;
- construção de texto coletivo sobre as percepções da leitura de livro;
- confecção de história seriada (história em quadrinhos), a partir de uma leitura;
- organização de álbum de figurinhas com a ficha pessoal de cada personagem;
- construção de jogos de tabuleiro, com ações segundo a sequência dos dados e piões no mesmo;
- organização de um alfabetário de um livro;
- realização de pesquisa sobre a vida e a obra de autores trabalhados;
- criação de rimas e poesias a partir de tema de livro (GARCEZ, 2004, p. 20-21).

Independentemente do modo de trabalhar os contos de fadas, a professora deve dar liberdade às crianças, durante qualquer processo acima, de se expressar, de mostrar sua opinião sobre a história.

Outro momento diz respeito às atividades da exploração do texto, o objetivo é verificar de maneira lúdica se a história foi compreendida. Chamar a atenção para os aspectos estruturais do texto e discutir questões levantadas a partir de sua audição, é o momento da realização de uma verdadeira análise da obra (ABRAMOVICH, 2009).

- A maneira de selecionar os contos de fadas utilizados em sala de aula

Eu costumo selecionar os contos de fadas por escolha das próprias crianças, ou seja, separo 4 contos e faço votação entre elas. Aquele que ganhar, eu faço um planejamento com muitas atividades e,

assim, eu trabalho em sala de aula (PROFESSORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Os contos mensais são predeterminados pelo Ciranda; já os textos diários são escolhidos aleatoriamente, ou para atender a alguma demanda específica, como, por exemplo, assuntos do momento (PROFESSORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Os contos são pré-selecionados pelo Projeto Ciranda, que é trabalhado com as crianças durante o ano (PROFESSORA C - ESCOLA PÚBLICA).

A maneira de selecionar os contos de fadas utilizados em sala de aula diverge da escola particular para a escola pública, de acordo com as respostas das professoras entrevistadas.

Enquanto na escola particular, os contos de fadas são escolhidos em conjunto professora/crianças, na escola pública, os contos de fadas são pré-escolhidos pelo Projeto Ciranda. Apenas a Professora B – escola pública disse que lê contos diários escolhidos aleatoriamente, mas os contos de fadas com os quais ela realmente trabalha são divulgados pelo Projeto Ciranda.

Os contos de fadas na escola pública são determinados por um programa, o qual planeja, conforme a fase em que a criança está, aquilo que considera adequado. Portanto, as professoras não têm autonomia para escolher obras diferentes das que constam no material utilizado.

Rego (2005) nos traz que as crianças devem perceber na leitura algo prazeroso e desafiador, uma conquista capaz de dar plena autonomia e independência. Portanto, toda criança deve contemplar a escola como um espaço excepcional voltado para a leitura e a escrita.

E outro ponto a ser destacado é que os contos de fadas devem ser escolhidos de acordo com a vivência do grupo de crianças com o qual a professora irá trabalhar.

Pode-se perceber que, em cada idade, a criança sonha com algo, imagina algo, apresenta interesse por algo. Os professores devem se interessar em saber esse processo, pois, assim, vão apresentar aos alunos algo de que eles irão realmente gostar (COELHO, 2007).

- Preparação da professora de Educação Infantil quanto ao trabalho com contos de fadas em sala de aula

Sempre estou lendo e buscando informações sobre a contação de história, com o objetivo de aprimorar e melhorar ainda mais a dinâmica. Mas, para mim, o mais importante é mergulhar na fantasia de maneira bem lúdica (PROFESSORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Me sinto apta para trabalhar com os contos de fadas, mas, em contrapartida, a lida diária com os alunos no tocante à disciplina só será "boa" e eficiente com a prática já consolidada (PROFESSORA B - ESCOLA PÚBLICA).

Sim, porém é muito importante se aperfeiçoar, desenvolver novas técnicas, para que o conto de fadas se torne ainda melhor e mais prazeroso para a criança (PROFESSORA C - ESCOLA PÚBLICA).

As três professoras se dizem preparadas para trabalhar com contos de fadas na Educação Infantil, cada uma a seu modo, mas todas com o mesmo objetivo: aperfeiçoar e aprimorar técnicas para fazer com que a criança se motive, de forma prazerosa, a ser um leitor.

Segundo Abramovich (2009), nas atividades da exploração do texto, o objetivo é verificar de maneira lúdica se a história foi compreendida, chamar a atenção para os aspectos estruturais do texto e discutir questões levantadas a partir de sua audição, é o momento da realização de uma verdadeira análise da obra (ABRAMOVICH, 2009).

Assim, os professores sempre devem preparar-se de forma enriquecedora.

- Importância dos contos de fadas na Educação Infantil

A contação da história na Educação Infantil contribuirá para a formação da criança, pois é considerada como início de aprendizagem, e muitos valores podem ser trabalhados: alegria, amor, medo, respeito, obediência, igualdade e também a formação de um leitor. Assim, as histórias abrem caminhos infinitos e muitas descobertas de como compreender o mundo (PROFESSORA A - ESCOLA PARTICULAR).

É fundamental, visto que, através da ludicidade dos contos, contextualizamos o aprendizado sistemático, tornando o ato de aprender prazeroso para as crianças. Vejo isto em minha prática diária com as crianças; quando fazemos a leitura de ajuste com apoio na história impressa, as crianças passam a perceber a relação entre a oralidade e a escrita (PROFESSORA B - ESCOLA PÚBLICA).

O trabalho com contos de fadas é extremamente importante para o desenvolvimento da criança, pois é através dele que trabalhamos questões emocionais delas(PROFESSORA C - ESCOLA PÚBLICA).

Quanto a esse quesito, as entrevistadas foram unânimes ao dizerem que os contos de fadas são importantes para as crianças.

A Professora A – escola particular e a Professora B – escola pública nos revelaram que os contos de fadas são extremamente importantes para a aprendizagem. Já a Professora C – escola pública atribui a relevância dos contos de fadas aos fatores emocionais da criança.

Nenhuma dirigiu a importância dos contos de fadas na Educação Infantil à aquisição do prazer pela leitura, a fim de que a criança se transforme em um leitor proficiente e tenha criticidade.

Bettelheim (2012) reitera que os contos de fadas possuem a magia de falar aos leitores de distintos sentimentos. Por isso, os professores devem levar para dentro de sala de aula os contos de fadas, proporcionando aos alunos momentos de fantasia, estimulando o prazer pela leitura, para que se desenvolvam como indivíduos em potencial.

- Definição de contos de fadas

Todas as professoras souberam responder sobre a definição de contos de fadas. Interessante foi a resposta da Professora B – escola pública, ao dizer que os contos de fadas surgiram não com o intuito de entreter, mas de moralizar. Já a Professora A – escola particular definiu os contos de fadas como um gênero textual que conduz ao hábito de leitura. E a Professora C – escola pública alegou que os contos de fadas são obras que fazem com que a criança idealize um mundo todo cheio de imaginação.

Contos de fadas é levar as crianças num mundo cheio de magia, encantamento e fantasia, construindo, assim, paralelos com sua própria vida, ampliando horizontes, trazendo novas perspectivas de vida e instaurando o hábito de leitura. E acredito que a criança poderá desenvolver habilidades, raciocínio lógico, motricidade, enfim, viajar pelo tempo e espaço(PROFESSORA A - ESCOLA PARTICULAR).

Para mim, os contos de fadas surgiram com o intuito não de entreter, e sim moralizar; na atualidade, utilizamos os contos com as duas finalidades e também, como dito na questão anterior, como apoio na aprendizagem das crianças(PROFESSORA B- ESCOLA PÚBLICA).

Contos de fadas é deixar-se levar pela imaginação, conhecer lugares diferentes, vivenciar histórias imaginárias, criar sua própria concepção da história(PROFESSORA C - ESCOLA PÚBLICA).

Pelo que foi retratado no referencial teórico, Dantas e Prado (2004, p. 93) mostram-nos que “os contos de fadas fundamentam-se na psicogenética de Wallon, ou seja, um caminho seguro para a elaboração dos conflitos básicos infantis”. Por exemplo: da rejeição (João e Maria); da orfandade (Branca de Neve); do ciúme entre irmãos (A Gata Borralheira).

Nesse sentido, a pesquisa nos reportou a duas esferas educacionais distintas, sendo possível verificar em que sentido elas possuem similaridades e em que aspectos se divergem no que se refere ao inesgotável universo dos contos de fadas.

CONCLUSÃO

É comum as crianças pequenas terem a capacidade de sonhar, imaginar, fantasiar um mundo divertido, irreal, colorido, dando vazão a seus sentimentos, suas percepções e sensações. Nesse período, almejam descobrir tudo o que está à sua volta, vivenciar novas experiências. Nesse contexto, chegam à Educação Infantil ansiosas por descobertas, querem desbravar os mistérios, compartilhar suas vivências e construir outros conhecimentos.

Os contos de fadas, importante gênero da Literatura Infantil, podem contribuir para o desenvolvimento da criança, visto que, conforme verificamos por meio dos estudos realizados nesta pesquisa, ele desperta a atenção dos pequenos, acompanhando gerações. Histórias como Branca de Neve, Cinderela e os Três Porquinhos fazem parte das memórias de várias gerações e cada qual possui uma finalidade: uma descreve a transição da infância para a fase adulta (a menina que vira mocinha); na outra, a mocinha pobre se apaixona perdidamente por um príncipe; na outra, três irmãos, porquinhos, possuem estilos de vida diferentes e vivem fugindo de um inimigo, o Lobo Mau.

Contactada a esse universo, a criança aprende a ser, por exemplo, solidária, ter autonomia, a lidar com conflitos, ser leitora no futuro e ter prazer em descobrir um mundo diferente a cada história, mesmo que seja por ela, ainda ouvida, pois ouvir histórias tem uma importância que ultrapassa o prazer proporcionado, já que serve para a efetiva iniciação das crianças na construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos, enfim, levar para a sua adolescência e fase adulta modelos de como enfrentar suas culpas, seus desejos, seus medos, até porque a criança tem grande capacidade de recepção e reprodução.

Diante de tantos benefícios para a criança da Educação Infantil, é necessário que o professor trabalhe com esse gênero, mas que saiba conduzir as atividades, escolher os contos de fadas, construir, adequadamente, a sua aula, ter acesso a um

acervo diversificado de histórias. Ademais, é preciso selecionar contos de fadas de acordo com a necessidade de seus alunos e mediante o planejamento organizado para cada ano escolar.

No decorrer da pesquisa de campo, momento em que se pôde analisar diferentes visões acerca da relevância dada aos contos de fadas na Educação Infantil, foi possível concluir que, para as duas profissionais da área educacional, a leitura dos contos é essencial para as crianças da Educação Infantil devido a vários aspectos, como: preparar para se tornarem leitores futuros, leitores que leiam com prazer, com vontade de buscar novas informações e conhecimentos; trabalhar a abstração e o emocional da criança; oferecer a oportunidade de a criança recriar o seu mundo. Entretanto, se não forem bem trabalhados, o resultado poderá não ser tão benéfico à criança,

Um trabalho com os contos de fadas começa com o professor tendo o acervo de obras e tendo o discernimento (advindo de leituras, estudos e formação continuada) para escolher as histórias que suas crianças devem ouvir e/ou ler, motivando-as no momento da leitura, por meio de uma boa entonação e uma adequada condução do conto.

Como a escolha é importante, o conto não deve ser apenas pré-escolhido pelo professor e/ou por um sistema, conforme declarou a Professora B, da escola pública, a qual alegou que todos os contos utilizados por ela são “impostos” pela instituição onde trabalha, já que todos seguem a metodologia proposta por um projeto. Nesse sentido, não constrói, ela mesma, seu próprio projeto, conforme as necessidades de seus alunos. Quanto às outras docentes, uma utiliza um projeto realizado por ela mesma, Professora C – escola particular e a outra nada comentou.

E, finalmente, todas as professoras, conforme elas mesmas disseram, sentem-se preparadas para trabalhar com os contos de fadas, tendo o objetivo de oferecer condições de as crianças desenvolverem seu potencial e se tornarem leitores proficientes.

Logo, embora saibamos que há muito a ser pesquisado sobre o assunto escolhido para este trabalho, verificamos que os objetivos delineados para a pesquisa foram alcançados, pois tivemos a oportunidade de refletir, cuidadosamente, sobre a utilização dos contos de fadas na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária e, assim, percebemos que, felizmente, há

educadoras do Ensino Infantil que valorizam os contos de fadas e gostam do trabalho que realizam com eles.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.
- BALDI, E. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de leitura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- BARDUCO, M. de L. **A importância dos Contos de Fadas na educação da criança**. 2012. Disponível em: <<http://www.vidamaterna.com/a-importancia-dos-contos-de-fadas-na-educacao-da-crianca/>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2012.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural. Brasília, DF, 1998.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar – Pequenos segredos da narrativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAGNETI, S. de S. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 2008.
- CASASANTA, M. **Criança e literatura**. Belo Horizonte: Vega, 2008.
- CASTRO, E.F. de. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. 2014. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO CONTINUADA , 2012, P.3
- CIRANDA, *online*. **Infantil**. 2016. Disponível em: <<http://projetociranda.com.br/infantil/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- COELHO, N.N. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, B. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2007.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil. Teoria & Prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- DANTAS, H.; PRADO, E. **Alfabetização: responsabilidade do professor ou da escola?** São Paulo: Cortez, 2004.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Da Leitura Literária na Educação Infantil**. 2004. Disponível em: <<http://livcultura.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

DICIONÁRIO AURÉLIO *online*. **Psicanálise**. 2016. Disponível: <<https://dicionariodoaurelio.com/psicanalise>>. Acesso em: 30 set. 2016.

E BIOGRAFIA. **Biografia de Charles Perrault**. 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/charles_perrault/>. Acesso em: 27 nov. 2016.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1988.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Obras psicológicas completas: Standart Brasileira. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GARCEZ, S. **Contos-da-carochinha, literatura infantil enriquece o processo de ler e escrever**. Revista do Professor. Jan./mar.2004.n.77.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Livraria Pioneira, 2001.

INFOESCOLA. **Irmãos Grimm**. 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

JUSTO, M.A.P. da S.; RUBIO, J. de A.S.R. **Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social**. 2013. Disponível em: <<http://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

KNÜPPE, L. . **Contos de Fadas: fundamental é despertar nas crianças o gosto pela leitura**. Revista do Professor , Porto Alegre, v. 18, n.72, p. 11-12, 2002.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, E. S. **Como a criança pequena se desenvolve**. Rio de Janeiro: Sobradinho, 2008.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MALAMUT, E. **Contando ou lendo estória na pré-escola – Revista do professor**. RS. Editora Cpoec, ano VI, nº 21, janeiro a março, 1990.

MICOTTI, M.C. de O. **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, M. B. de. **Interpretação do brincar na clínica psiquiátrica**. 2003. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2837/2/9857476.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, C. M. de O. **As histórias infantis como forma de consciência do mundo**. 2006 Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com//posts/historia-infantis-como-forma-consciencia-mundo/>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

OLIVEIRA, M. A. de. **Leitura Prazer - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PENSADOR. **Frases de Contos de Fadas**. 2016. Disponível em: https://pensador.uol.com.br/frases_de_conto_de_fadas/. Acesso em 22 jun. 2016.

PROPP, V. **Morfologia do conto**. Lisboa: Vega, 2009.

REGO, L.L.B. **Literatura infantil: Uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo: FTD, 2005.

RESENDE, V.M. **Literatura Infantil e Juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jary. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. 3. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Atlas, 1999

ROCCO, C. M. J. D. **Educação de adultos: uma contribuição para seu estudo no Brasil**. Coleção Realidade Educacional ? V. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SALES, M. N. Quem conta um conto...Alimenta um sonho. **Literatura e biblioteca escolar – caderno Amae**. Fevereiro, 2001

SENS, Sirlei Fátima. COLLARES, Solange Aparecida de Oliveira. Os contos de fadas na formação do leitor da educação infantil. Uma proposta pedagógica para os alunos do curso normal. 2009. Guarapuava – Paraná.

SILVA, T.R. **A literatura como facilitadora na formação do leitor de cinco anos da escola a chave do tamanho**. 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-TATIANA-ODRIGUES-SILVA.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

SOARES, M. **O que é letramento e alfabetização?** In: letramento um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOUZA, M. T. C. C. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. **Boletim de Psicologia**, 2005.

TERRA, A. F. R. O livro de imagens na Educação Infantil. **Presença Pedagógica**, v.9, n.51, mai/jun 2003.

APÊNDICES**APÊNDICE I****CARTA DE ENVIO DE PROJETO DE PESQUISA PARA ANÁLISE JUNTO AO
NIP – FACULDADE CALAFIORI**

_____ / _____ / 2016, São Sebastião do Paraíso – MG.

A (o) _____
Coordenador (a) do NIP- Calafiori

Caro (a) coordenador (a),

Encaminhamos para sua apreciação toda a documentação necessária referente ao processo de análise pelo NIP- CALAFIORI, conforme o projeto de pesquisa a saber:

TÍTULO DO PROJETO: REFLEXÃO SOBRE A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise pedagógico-literária relativa às esferas pública e privada

ORIENTADORA: Prof^ª. M^a. Marília de Souza Neves

PESQUISADORAS: Andreia Pereira Coelho de Souza e DéborahBulgari Borges

LOCAIS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA: duas unidades escolares de Educação Infantil, sendo uma pública e a outra privada.

ENDEREÇO DA INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO PRINCIPAL ACADÊMICO:

– Faculdade Calafiori

Rua José Pio de Oliveira, nº 10, Jardim Cidade Industrial, São Sebastião do Paraíso - MG

Atenciosamente,

Orientadora: Prof^a. M^a. Marília Neves de Souza

RG: MG-10.434.050 / CPF: 042.776.986-89

Telefone: (35) 3558-7717 / (35) 99868-1708

E-mail: mariliasibila@hotmail.com

Pesquisadora: Andreia Pereira Coelho de Souza

RG: MG- 11.424.057/ CPF:064.522.44647

Telefone: (35) / (35) 99831-8232

E-mail: apereiracoelhodesouza@gmail.com

Pesquisadora: DéborahBulgari Borges

RG: MG-14.285.040/CPF: 115.26.216-612

Telefone: (35)3531-7237 / (35) 99173-8521

E-mail: de13.b@hotmail.com

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO PARA O DIRETOR/COORDENADOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1- Para você, o que são contos de fadas?
- 2- Que importância você atribui ao trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil?
- 3- Você acha que o professor da Educação Infantil sente-se preparado para trabalhar os contos de fadas em sua sala de aula? Por quê?
- 4- Como é o acervo — relativo às obras de contos de fadas — da instituição de ensino que você coordena?
- 5- De que maneira os professores da Educação Infantil desta instituição aprimoram seus estudos/ sua prática pedagógica?

APÊNDICE III

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1- Como você realiza o trabalho com os contos de fadas em sua sala de aula?
- 2- De que maneira você seleciona os contos de fadas que são utilizados em suas aulas?
- 3- Você se sente preparada para trabalhar os contos de fadas na Educação Infantil? Por quê?
- 4- Que importância você atribui ao trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil? Exemplifique sua resposta.
- 5- Para você, o que são contos de fadas?

APÊNDICE IV

TERMO DE PARTICIPAÇÃO E DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido você para participar de uma pesquisa científica intitulada “REFLEXÃO SOBRE A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise pedagógico-literária relativa às esferas pública e privada”. Essa pesquisa será realizada na seguinte instituição:

Objetivamos refletir sobre a utilização dos contos de fadas na Educação Infantil, analisando a prática pedagógico-literária proposta por algumas unidades de ensino referente ao segmento mencionado.

Especificamente, objetivamos conhecer algumas concepções acerca da leitura literária e suas implicações na Educação Infantil; estudar a evolução dos contos de fadas como gênero literário e/ou textual; e estabelecer relações entre o trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil e o desenvolvimento da linguagem oral da criança, sua criatividade e seu progresso cognitivo.

Este projeto é orientado pela professora: Prof.^a M^a. Marília de Souza Neves, vinculada à Faculdade Calafiori, da cidade de São Sebastião do Paraíso, MG. Para participar desta pesquisa, você somente necessita assinar o presente termo e responder a uma entrevista.

Salientamos, ainda, que seu nome não será divulgado em momento nenhum da pesquisa e nem no processo de divulgação dos resultados finais.

Durante o andamento da pesquisa, você tem total liberdade para esclarecer dúvidas sobre o presente projeto com a orientadora da pesquisa através dos telefones: (035)99868-1708 ou por e-mail: mariliasiliba@hotmail.com. Além disso, poderá ir até a Faculdade Calafiori, localizada no seguinte endereço: Av. José Pio de Oliveira, nº 10, Jardim Cidade Industrial, na cidade de São Sebastião do Paraíso, MG.

Caso tenha dúvidas sobre este acordo ou alguma questão que não tenha sido resolvida, você ainda poderá entrar em contato com a Comissão de Ética da Faculdade Calafiori pelo telefone 0 (xx) 35 3558-6261 ou pelo e-mail: nip@calafiori.edu.br.